



A CULPA É SEMPRE DO TÉCNICO?

Desde que Muricy Ramalho saiu foram sete técnicos no comando do Tricolor. Hora de dar sequencia a Paulo Autuori? *p.24*



ENTREVISTA

Darío Pereyra dá a receita para a volta por cima tricolor *p.20*

PRECISAMOS ACORDAR!

Expediente

Vinícius Ramalho – Editor Chefe e Jornalista
Responsável (MTB 73523)

Alessandra Nogueira – Repórter
Gustavo Ramalho – Colunista e Editor
Leonardo Léo – Colunista e Repórter
Thiago Moura – Colunista e Repórter

Colunistas: Alberto Ferreira, Bruno Fekuri,
Fabrício Gomes, Jussara Araujo,
Leandro Pinheiro, Renato Ferreira,
Roney Altieri, Ulises Cárdenas.

Coluna Arte Tricolor: Lucas Martins

Erika Ostark – Projeto gráfico e diagramação
Silva Leite Júnior – Fotógrafo
Alexandre Ramos – Soluções Digitais

Número 07/2013 - Ano 01
Periodicidade mensal

Fechamento da edição: 31 de julho de 2013

@RevistaTMQ

facebook.com/RevistaTMQ

www.revistatmq.com.br

A Revista TMQ é uma publicação independente, onde as opiniões expressas são de responsabilidade dos colunistas.

Anuncie na Revista TMQ
publicidade@revistatmq.com.br

Que mês foi esse de julho hein torcedor são paulino?

Apesar que o problema já não é mais um único mês, mas sim, um ano em que estamos tendo que pagar por erros de planejamento e de gestão da atual diretoria do Tricolor Mais Querido do Mundo.

Dando aquela "geral" final na revista, reparei que no pós-jogo não tivemos nenhuma vitória. Isso é inadmissível para um clube do tamanho do São Paulo.

Pensando nisso, nossa matéria de capa fala do rodízio de técnicos no comando tricolor desde a saída do vitorioso Muricy Ramalho. Pesquisamos os números dos nossos técnicos e até concordamos que mudanças eram necessárias, mas parece que o problema não passa somente por quem senta no banco para comandar o time.

Falando em técnico, nada melhor que lembrar do Mestre Telê Santana que está na nossa matéria especial, escrita pelo colunista Leonardo Léo.

Buscando trazer a raça uruguaia, tão presente na história tricolor, a entrevista do mês é com Dom Darío Pereyra. O zagueiro uruguaio, que brilhou nas décadas de 70 e 80 com o manto sagrado do São Paulo, falou do momento atual do time, das lembranças de sua passagem pelo clube e da seleção uruguaia que se encontra em momento complicado nas eliminatórias para a Copa do Mundo. Vale a pena conferir.

O destaque dessa edição fica para o texto da coluna La Cancha, tão bem escrito pelo nosso tricolor chileno Ulises Cárdenas. Volverá el Campeón deveria ser lido no vestiário do São Paulo para os jogadores na próxima partida do time. Quem sabe o clima de guerra não faria esse time voltar a vencer?

Além disso tem as colunas que você já está se acostumando a ver nas páginas da revista mais tricolor da web. Eternizados, com o craque Pita; Esquecidos lembrando Carabáli; Baú Tricolor, resgatando os técnicos das antigas que passaram pelo São Paulo; as análises do mês de julho; Tricolor de Cabeceira, com um filme da época que estávamos acostumados a ganhar e a coluna São Paulo Collection com itens do nosso glorioso ano de 2005.

No calendário a musa escolhida para o mês de agosto é a bela Samanta Collor, representante tricolor no concurso Belas da Torcida do portal UOL.

Que a viagem para Europa e Ásia sirva para que o time volte mais forte, pois, até o fim do ano, ainda tem muita coisa para acontecer.

Nosso papel é continuar fazendo uma revista de acordo com as tradições do São Paulo, torcer e empurrar o time, que não pode ficar na parte de baixo da tabela como nesse início de Brasileirão.

Um agosto tricolor a todos nossos leitores!

VAMOS TRICOLOR, VAMOS NÃO PARA DE LUTAR

VAMOS TRICOLOR, PARA SEMRE VOU TE AMAR!

VINÍCIUS RAMALHO
editor chefe



NESTA EDIÇÃO

TRICOLADAS	04	CAPA	24
		E agora professor?	
ESPECIAL	06	ANÁLISE TÁTICA	28
Mestre Telê, saudade eterna		Acreditei no peso da camisa	
PÓS-JOGO	08	CONTE SUA HISTÓRIA	29
		Leandro Benaglia	
ARTE TRICOLOR	13	LA CANCHA	30
		Volverá el campeón?	
TRICOLOR EM NÚMEROS	14	BAÚ TRICOLOR	32
		A rica galeria tricolor de treinadores	
CALENDÁRIO TRICOLOR	15	TRICOLOR DE CABECEIRA	34
		Soberano: seis vezes São Paulo	
ENTREVISTA - DARÍO PEREYRA	16	ANÁLISE EM TRÊS CORES	35
Classe e raça na zaga tricolor		O fim de uma era	
ETERNIZADOS	20	FALA RAPAZIADA	36
Pita, o craque em extinção		A coisa tá feia...	
ESQUECIDOS	21	TRICOLOR NA REDE	37
Nosso volante de seleção.... equatoriana		Soberanos	
ROCKOLOR	22	SÃ-PAULINAS	38
A hora do Rush		Pelos lados do campo	
		SÃO PAULO COLLECTION	40
		Autuori lembra 2005 e 2005 lembra títulos!	

TRICOLADAS

01.07.13 a 31.07.13

A VOLTA DO QUE NÃO FOI

No início do mês de julho, Paulo Miranda foi negociado por cerca de R\$ 13,2 milhões junto ao Olympique de Marseille. O estranho é que, após recuperar-se de uma cirurgia na mão esquerda, a negociação não vingou e o zagueiro permaneceu no São Paulo. Vai entender...



OUTRA EXPULSÃO

Luis Fabiano foi expulso outra vez. Dessa vez o atacante deixou o São Paulo com um a menos na derrota para o Bahia, em pleno Morumbi. Ao ouvir os gritos de “pipoqueiro”, gesticulou apontando para as arquibancadas e foi para os vestiários sem conversar com a imprensa. Calma, Fabuloso!



HOMENAGEM AO DIAMANTE NEGRO

No dia 19 de julho, dia nacional do futebol, foi lançado em evento no centro de São Paulo os uniformes da linha Penalty Raiz. O clube aproveitou a proposta de fazer uniformes com estilo retrô para homenagear o centenário de Leônidas da Silva, o Diamante Negro, que será celebrado no mês de setembro.

CAIU!

Depois da derrota na primeira partida da decisão da Recopa, Ney Franco foi demitido do São Paulo. Ney deixou o cargo no dia em que completou um ano no São Paulo. O anúncio foi feito em entrevista coletiva no CT.

REINTEGRADO

Quem se deu bem com a mudança do comando técnico tricolor foi o volante Fabrício. Pouco aproveitado por Ney Franco, o jogador ganhou nova chance com Paulo Autuori, que pediu sua volta antes mesmo de dar sua primeira entrevista como técnico do São Paulo.

CHURRASCO DA DISCÓRDIA

No dia seguinte à derrota para o Cruzeiro por 3 a 0 em pleno Morumbi, um churrasco, para promover a inauguração do placar eletrônico das quadras de society da sede social, foi motivo de muita polêmica. O clima de eleição tomou conta do encontro e simpatizantes de Juvenal Juvêncio acabaram entrando em atrito com associados que usavam camisas apoiando a candidatura de Marco Aurélio Cunha.

VAI ESTREAR?

Após se contundir logo na chegada ao São Paulo, o atacante Negueba voltou aos treinos e deve ser opção para o técnico Paulo Autuori. “Vou buscar o entrosamento ideal para poder entrar em campo e tirar o São Paulo dessa situação”, disse o jogador que veio do Flamengo.

Deu pau na rede

Um e-mail assinado pela Torcida Independente foi enviado pelo endereço eletrônico do Sócio Torcedor. O “engano” gerou muita polêmica e fez o clube perder muitos associados do programa de fidelidade da torcida tricolor.

Cancelar

ATÉ QUE ENFIM

Depois de declarações infelizes e demonstrações de falta de conhecimento de futebol, o diretor de futebol Adalberto Baptista deixou o cargo no São Paulo. O dirigente alegou ter recebido ameaça e, por isso, deixou o cargo de confiança do Presidente Juvenal Juvêncio.

EM QUEDA LIVRE!

SE A FASE É TERRÍVEL EM CAMPO, OS BASTIDORES NÃO FICARAM POR MENOS. MUITAS FARPAS E DECLARAÇÕES POLÊMICAS MARCARAM ESSE PERÍODO NEFASTO.



Ilustração: Lucas Martins

JUVENAL JUVÊNCIO - Sobre o processo de troca de técnico :

“Vocês que falam que o Leco chegou e vetou o Muricy, não é verdade. Primeiro que ele não tem poder de veto, segundo que não falou palavra alguma sobre isso. Ele chegou todo alinhado lá e estou falando. Não vetou não. E, também, se vetasse não seria ouvido”.

E mais **JUVENAL**:

“Torcida é paixão. Administração é razão! Certa vez a torcida pediu a contratação do Cicinho. Pedi: ‘vá lá e traga o Cicinho, nem que seja por seis meses’. Passados seis meses ele quis renovar. Eu disse: ‘não, você quer ir embora’. Depois ele afirmou o seguinte, que teve seis meses enganando o São Paulo, bebendo. Agora ele tá ai, pela rua”.

ROGÉRIO CENI - diagnóstico preciso:

“Nos últimos meses, nós paramos no tempo. Os adversários cresceram, se reforçaram, e nós ficamos para trás”.

ADALBERTO BAPTISTA - em resposta ao Mito:

“Todos sabem que ele está em vias de se aposentar e gostaria de terminar esse ano ainda com título. Todos sabem que ele ainda sente algumas dores no pé. No seu ponto alto, as saídas e reposições de bola, ele está com deficiência”.

ROGÉRIO CENI - sobre jogar machucado:

“Quero deixar claro que desde a Copa das Confederações não sinto dor alguma no meu pé(...) dizem que sou chato e até posso ser, mas gosto de ganhar sempre, é meu jeito de ser. Perder uma final deixa qualquer atleta com identificação com o clube chateado”.

ADALBERTO BAPTISTA - na contramão da tabela:

“Existe o grupo daqueles que brigam pelo título, no qual eu incluo o São Paulo, e o grupo que luta para não cair, onde ninguém coloca o São Paulo”.

ROGÉRIO CENI - realista:

“Há campeonatos em que você joga para ganhar, enquanto em outros você tem de pensar em se salvar. Neste ano, vamos ter de jogar para nos salvar”.

PAULO AUTUORI - sobre o afastamento de Lúcio:

É uma hora de necessidades e não de vontades pessoais. Enquanto eu estiver aqui, nunca vamos priorizar as vontades pessoais. Não tenho nenhuma dificuldade em tomar decisões.



Foto: IG

MESTRE TELÊ, SAUDADE ETERNA

O São Paulo Futebol Clube, que já era grande, tornou-se gigante. E isso graças a um “ex pé-frio” que se tornou mestre. O Mestre Telê Santana, maior técnico da história do Tricolor.

por LEONARDO LÉO

Falta perigosa para o São Paulo - Raí na cobrança. O camisa 10 bate com maestria e manda a bola no ângulo do goleiro Zubizarreta. O São Paulo fazia 2 a 1 no todo poderoso Barcelona e colocava a mão na taça.

Assim como é impossível esquecer o golão de Raí, é impossível esquecer a comemoração daquele que é um dos gols mais bonitos da história do São Paulo Futebol Clube.

Raí corre em direção ao banco, de encontro ao mestre, de encontro ao principal responsável pelo primeiro título mundial do Tricolor Mais Querido. Telê Santana se levanta do banco sorrindo e grava na história do São Paulo um sorriso inesquecível.

O São Paulo Futebol Clube conquista o mundo pela primeira vez, Telê também; e prova que o mundo era seu há muito tempo, só precisava de um grande aliado, o maior clube do Brasil.

O ex-jogador, conhecido como “Fio de Esperança”, apelido que ganhou por ter o corpo franzino, fez história jogando pelo Fluminense.

SÃO PAULO CONQUISTA O MUNDO PELA PRIMEIRA VEZ, TELÊ TAMBÉM; E PROVA QUE O MUNDO ERA SEU HÁ MUITO TEMPO

Craque dentro das quatro linhas, Telê mostrava-se grande conhecedor de futebol e admirador do futebol arte. Não deu outra, Telê se tornou técnico de futebol.

Seu primeiro trabalho foi no, até então clube do coração, Fluminense.

Telê teve passagens por Atlético MG, Palmeiras, Grêmio, entre outros grandes clubes brasileiros, mas o que poucos se recordam, ou até mesmo não sabem, é que Telê foi técnico do São Paulo na década de 70. Não obteve sucesso, mas ele voltaria um dia para brilhar.

Antes de retornar ao Maior do Mundo, Telê foi técnico da seleção brasileira, dirigindo a seleção canarinha nas Copas de 1982 e 1986 e ficando famoso por comandar uma das maiores seleções de futebol do mundo, que encantou, mas não levou. Nascia ali, injustamente, o apelido de “pé-frio”.

Calma nação vermelha, branca e preta, esse apelido seria substituído por outro. Alguns anos depois, em 1990, Telê acertava seu retorno ao Tricolor. Era o início da “Era Telê”.

Mas não começou assim tão bem. Logo em seu primeiro desafio Telê fez um ótimo trabalho, tirando leite de pedra e levando o Tricolor até a final do brasileiro, mas perdeu o título para o rival SCCP.

Telê Santana não se abateu e deu a volta por cima.

No ano seguinte, com um time mais constante, um grupo unido e sob o comando de Raí, o São Paulo de Telê encontrava o rival mais uma vez em uma final de campeonato, dessa vez pelo Campeonato Paulista. E desta vez deu a lógica: São Paulo Campeão Paulista. O mesmo São Paulo, que ganharia o Brasileiro daquele ano, o terceiro da sua história e o primeiro título expressivo do “ex-pé-frio”.

Mas foi em 1992 que Telê deu um bico na fama de pé-frio, entrou para a história do São Paulo, transformou o Mais Querido no maior time do Mundo e se tornou um Mestre do futebol.

São Paulo Campeão da Libertadores sobre o argentino Newell's Old Boys. Raí brilhou mais uma vez, mas desta vez com a ajuda de Zetti. A América era tricolor pela primeira vez, mas só o continente era pouco para essa máquina, ou melhor, para essa Ferrari.

Mas antes de viajar para o Japão em busca do título mundial, o São Paulo venceu o SEP no primeiro jogo da final do Paulista. Do outro lado do mundo, mais uma vez, o terror do Morumbi, Raí, foi decisivo e o São Paulo atropelou o temido Barcelona. São Paulo campeão do mundo; e antes do mágico ano de 1992 chegar ao fim, o São Paulo venceu o SEP no segundo jogo da decisão do Paulista e gritou “é campeão” mais uma vez.

Se 1992 foi ano da consagração, 1993 foi o ano da consolidação. O São Paulo conquistou a Libertadores e o Mundial mais uma vez, contra Universidade Católica e Milan, respectivamente.

Em 1994 o Tricolor buscava a sua terceira Libertadores, mas um time argentino e um goleiro paraguaio impediram esse sonho. Porém, essa não foi a maior derrota do Mestre. Em 1996 Telê sofreu uma isquemia e teve que abandonar futebol. Dez anos depois, o Mestre Telê Santana partia dessa para uma melhor.

O maior técnico da história do São Paulo se foi, mas sempre estará gravado em nossos corações. É uma honra saber que o maior técnico de futebol que o Brasil já conheceu pôde dar a volta por cima vestindo o nosso agasalho.

Um mestre, um gênio do futebol, um ídolo, uma saudade eterna, uma emoção indescritível, quando estamos em um Morumbi lotado e podemos gritar, cheios de orgulho e ao mesmo tempo com nó na garganta:

OLÊ, OLÊ, OLÊ, TELÊ! TELÊ!

São Paulo 1 x 2 SSCP

03 de julho de 2013



X



Público: 31.691 Renda: R\$ 1.237.275,00

Estádio: Morumbi

GOLS: SÃO PAULO: Aloísio, a um minuto do segundo tempo. **SSCP:** Guerrero, aos 28 minutos do primeiro tempo; e Renato Augusto, aos 30 minutos do segundo tempo

SÃO PAULO: Rogério Ceni; Douglas (Wellington), Lúcio, Rafael Toli e Juan; Rodrigo Caio, Denilson (Lucas Evangelista), Jadson e Ganso (Aloísio); Osvaldo e Luis Fabiano. Técnico: Ney Franco.

Na primeira partida da Recopa era esperado que o São Paulo encontrasse padrão tático após a longa parada em virtude da Copa das Confederações. Tão logo começou a partida as esperanças da torcida Tricolor acabaram. O time portou-se de maneira apática e desorganizada. No primeiro tempo o adversário abriu o placar após jogada realizada nas costas de Juan. Na etapa complementar o São Paulo voltou com Aloísio no lugar de Ganso. Em seu primeiro toque na bola o atacante arriscou de fora da área e o goleiro adversário aceitou de forma ridícula. O empate motivou um ligeiro abafa, mas logo os visitantes retomaram o comando da partida, as falhas defensivas do São Paulo voltaram a aparecer e resultaram em mais uma derrota dentro do Morumbi. Fim melancólico da era Ney Franco no São Paulo.

São Paulo 0 x 2 SFC

07 de julho de 2013



X



Público: 11.819 Renda: R\$ 345.930,00

Estádio: Morumbi

GOLS: SFC: Giva, aos 12 minutos e Cícero aos 36 minutos do segundo tempo

SÃO PAULO: Rogério Ceni; Rodrigo Caio, Lúcio, Rhodolfo e Juan (Ademilson); Wellington, Denilson (Maicon), Jadson e Ganso (Aloísio); Osvaldo e Luis Fabiano Técnico: Milton Cruz (interino)

Sob o comando de Milton Cruz, o elenco tricolor teve a capacidade de ser derrotado novamente no Morumbi, dessa vez por um time em reestruturação e composto em sua maioria por jogadores que disputaram a Copa São Paulo 2013. No primeiro tempo o São Paulo teve oportunidade de abrir boa vantagem mesmo sem realizar grande partida. Após o intervalo o time da baixada foi a campo apostando em contra-ataques e se deu bem. Todo adversário sabe que a chance de conseguir algo apostando na bola na aérea é bem alta. Foi assim que saíram os dois gols dos visitantes, com destaque para a atuação abaixo da crítica de Rhodolfo na terceira derrota seguida do Tricolor dentro do Morumbi.

São Paulo 1 x 2 Bahia

10 de julho de 2013



X



Público: 4.579 Renda: R\$ 116.450,00
Estádio: Morumbi

SÃO PAULO: Aloísio, aos 14 minutos do primeiro tempo; **BAHIA:** Anderson Talisca, aos 18, e Fabel, aos 42 minutos do segundo tempo

SÃO PAULO: Rogério Ceni; Lucas Farias (Silvinho), Lúcio, Rhodolfo e Clemente Rodríguez; Rodrigo Caio, Maicon e Jadson; Aloísio (Ademílson), Osvaldo (Roni) e Luis Fabiano. Técnico: Milton Cruz

Técnico: Milton Cruz (interino)

Cada vez mais em crise e ainda com técnico interino, o São Paulo foi a campo tentando se reerguer. Parecia que a reação aconteceria quando Aloísio abriu o placar logo no início da partida. Mas o gol foi um achado. O time continuava sem padrão tático, sem garra e sobretudo sem qualidade. Clemente Rodríguez (estreador da noite) e Luis Fabiano foram expulsos (ambos levaram dois cartões amarelos). Com nove em campo o São Paulo levou a virada e chegou a uma sequência inédita de quatro derrotas seguidas no Morumbi. Restava ao São Paulo aguardar a chegada de um treinador que fizesse milagre para tirar o Mais Querido da pior fase de sua história.

Vitória 3 x 2 São Paulo

14 de julho de 2013



X



Público: 11.227 Renda: R\$ 203.280,00
Estádio: Estádio Manoel Barradas - Barradão (Salvador/BA)

Gols: VITÓRIA: Dinei, aos 20 minutos do primeiro tempo; Maxi Biancucchi, aos 28 minutos do primeiro tempo e dez minutos do segundo tempo; **SÃO PAULO:** Aloísio, aos nove minutos, e Rogério Ceni, aos 35 minutos do primeiro tempo

SÃO PAULO: Rogério Ceni; Lucas Farias (Fabrício), Lúcio, Edson Silva e Juan; Wellington, Rodrigo Caio, Maicon (Ademílson) e Ganso; Osvaldo e Aloísio; Técnico: Paulo Autuori

O jogo de estreia de Paulo Autuori no comando serviu para o treinador ter idéia do tamanho do problema que ele resolveu encarar. Se o time do São Paulo já é limitado quando joga completo, imagine sem seis selecionáveis? Apesar de ter saído na frente no começo da partida a equipe voltou a apresentar falhas gritantes no setor defensivo e permitiu a virada. O Mito ainda empatou com um golaço de falta. Mas o time não apresentou maturidade para se manter competitivo na partida. No segundo tempo o Vitória dominou amplamente e deu números finais a partida. Wellington foi o expulso da vez, nesse time que raramente termina com 11 jogadores em campo. Oito jogos sem vencer, seis derrotas seguidas. Situação pavorosa no Morumbi.

SCCP 2 x 0 São Paulo

17 de julho de 2013



X



Público: 36.050 Renda: R\$ 1.875.887,00
Estádio: Estádio Paulo Machado de Carvalho - Pacaembu

Gols: SSCP: Romarinho, aos 35 minutos do primeiro tempo; Danilo, aos 23 minutos do segundo tempo

SÃO PAULO: Rogério Ceni; Douglas, Lúcio, Rafael Tolo e Juan (Maicon); Wellington (Aloísio), Denilson, Rodrigo Caio e Ganso; Osvaldo e Luis Fabiano; Técnico: Paulo Autuori

O que já era esperado aconteceu: O São Paulo foi derrotado na final da Recopa sem apresentar o menor perigo ao adversário. Paulo Autuori tentou reconstruir o São Paulo à partir da defesa e apostou em três volantes. Com Jadson fora de jogo por causa de contusão, a responsabilidade de criação ficou toda com PH Ganso e o meia mais uma vez não correspondeu à expectativa. O Tricolor precisava do resultado mas apenas limitou-se a defender. E nem isso conseguiu fazer. Foi um time apático e não ofereceu maiores problemas para o rival ampliar a vantagem conquistada no Morumbi e ficar com o título. Desde 1936 o São Paulo não encarava uma série tão grande de derrotas. Além disso passou a perder torneios para times sem tradição.

São Paulo 0 x 3 Cruzeiro

20 de julho de 2013



X



Público: 11.675 Renda: R\$ 325.545,00
Estádio: Morumbi

Gols: CRUZEIRO: Luan, aos 6, 34 e 37 minutos do segundo tempo

SÃO PAULO: Rogério Ceni; Douglas, Lúcio, Rafael Tolo e Clemente Rodríguez; Rodrigo Caio, Denilson (Roni), Jadson e Ganso; Osvaldo (Silvinho) e Luis Fabiano (Aloísio) Técnico: Paulo Autuori

A má fase do São Paulo parece não ter fim. Na semana em que o diretor de futebol do São Paulo veio a público para garantir que o elenco era qualificado e digno de disputar a ponta da tabela, o choque de realidade veio com três gols de Luan em pleno Morumbi. O roteiro é o mesmo. O Tricolor começa minimamente organizado, não consegue marcar gols, falha defensivamente e entra em parafuso. Foi assim no segundo tempo, quando após falha de Douglas o Cruzeiro abriu o placar. O time se abateu e foi uma questão de tempo até a derrota transformar-se em vexame. O time completava dez partidas sem vitória. Sete derrotas seguidas. A torcida entrava em desespero. Os jogadores acusaram o golpe. E a diretoria continuava vivendo numa realidade paralela.

São Paulo 0 x 1 Internacional

24 de julho de 2013



Público: 6.275 Renda: R\$ 163.900,00

Estádio: Morumbi

Gols: INTERNACIONAL: Leandro Damiano, 13'/1T (SCI)

SÃO PAULO: Rogério Ceni; Paulo Miranda, Lúcio, Rafael Tolo e Douglas; Denilson, Rodrigo Caio, Jadson e Ganso (Maicon); Osvaldo (Aloísio) e Luis Fabiano (Ademilson) Técnico: Paulo Autuori

Mais um jogo no Morumbi e outra oportunidade de afastar a crise. Mas o elenco tricolor preferiu que a noite fria terminasse de maneira melancólica. Com mais uma atuação desastrosa, o São Paulo perdeu o oitavo jogo consecutivo e viu o adversário assumir a liderança do Brasileirão. O roteiro foi o mesmo: começo bom, até tendo chances de abrir o placar, mas outro gol sofrido nas costas do zagueiro que quer ser meia Lúcio, dessa vez de Leandro Damiano, que aproveitou o contra ataque e deslocou Rogério Ceni em um chute fraco. Após o gol o time se perdeu mais uma vez. Aloísio entrou no segundo tempo no lugar de Osvaldo, correu muito mas não fez o gol que poderia trazer um pouco mais de tranquilidade ao time. Ao final gritos pressionando os jogadores e também pedindo a saída da diretoria foram a música de um Morumbi com pouco mais de 6 mil guerreiros.

SCCP 0 x 0 São Paulo

28 de julho de 2013



Público: 33.338 Renda: R\$ 1.116.631,00

Estádio: Estádio Paulo Machado de Carvalho - Pacaembu

SÃO PAULO: Rogério Ceni; Douglas, Paulo Miranda, Rafael Tolo e Reinaldo; Wellington, Rodrigo Caio, Fabrício (Maicon) e Jadson; Osvaldo e Ademilson; Técnico: Paulo Autuori

Fase complicada e novamente teríamos que enfrentar um clássico fora de casa. Se a vitória não veio, pelo menos o São Paulo mostrou um crescimento absurdo no sistema de marcação e defesa e não passou sustos diante do rival. No segundo tempo, Ademilson chutou da entrada da área e quase abriu o placar a favor do tricolor. Além desse lance, nenhum outro para que o jejum de gols e vitórias acabassem no clássico. Os destaques ficaram para a estreia do lateral esquerdo Reinaldo, que não se assustou e fez bem seu papel de marcação em Romarinho e Fabrício, que tomou conta do meio campo, inclusive sendo o líder que toda hora se dirigia ao juiz cobrando marcações a favor do São Paulo. Estava faltando alguém mais "macaco velho" nesse time.



Bayern Munchen 2 x 0 São Paulo

31 de julho de 2013



X



Público/Renda: não disponíveis
Estádio: Allianz Arena - Munique/ALE

Gols: BAYERN DE MUNIQUE: Mandzukic, aos nove minutos do segundo tempo, e Weiser, aos 40 minutos do segundo tempo

SÃO PAULO: Rogério Ceni; Douglas (Lucas Farias), Paulo Miranda (Edson Silva), Rafael Tolo (Lucas Silva) e Reinaldo; Wellington, Fabrício, Rodrigo Caio (Maicon) e Jadson (Ademilson); Osvaldo (Ganso) e Aloísio (Silvinho); Técnico: Paulo Autuori

Nada melhor que um resgate histórico para animar um time cabisbaixo e cheio de resultados adversos certo? Errado! Pela Copa Audi, o Tricolor enfrentou nada mais, nada menos que o Bayern de Munique, atual campeão da Champions League e perdeu por 2 a 0. Apostando na forte marcação que deu certo no clássico antes da viagem, o São Paulo conseguiu segurar os donos da casa até os 9 minutos do segundo tempo. Mas água mole e pedra dura, tanto bate até que fura. Foi assim que Mandzukic abriu o placar após cruzamento de Robben. Welser fez o segundo e sacramentou a classificação para a decisão do torneio. No final da partida, o M1to Rogério Ceni, que fechou o gol diante dos alemães, perdeu um pênalti que nada mudaria na história do jogo que marcou a volta tricolor ao velho mundo.

Bi CAMPEÃO

Brasileiro

1986



Lucas Martins

Arte Tricolor
www.artetricolor.com.br

TRICOLOR EM NÚM3R05

01.07.13 a 31.07.13



Jogos



Vitórias



Empates



Derrotas



GP



GC

No ano	46	19	7	20	65	57
No período	9	0	1	8	4	17

Artilheiros

■ no ano
■ no período

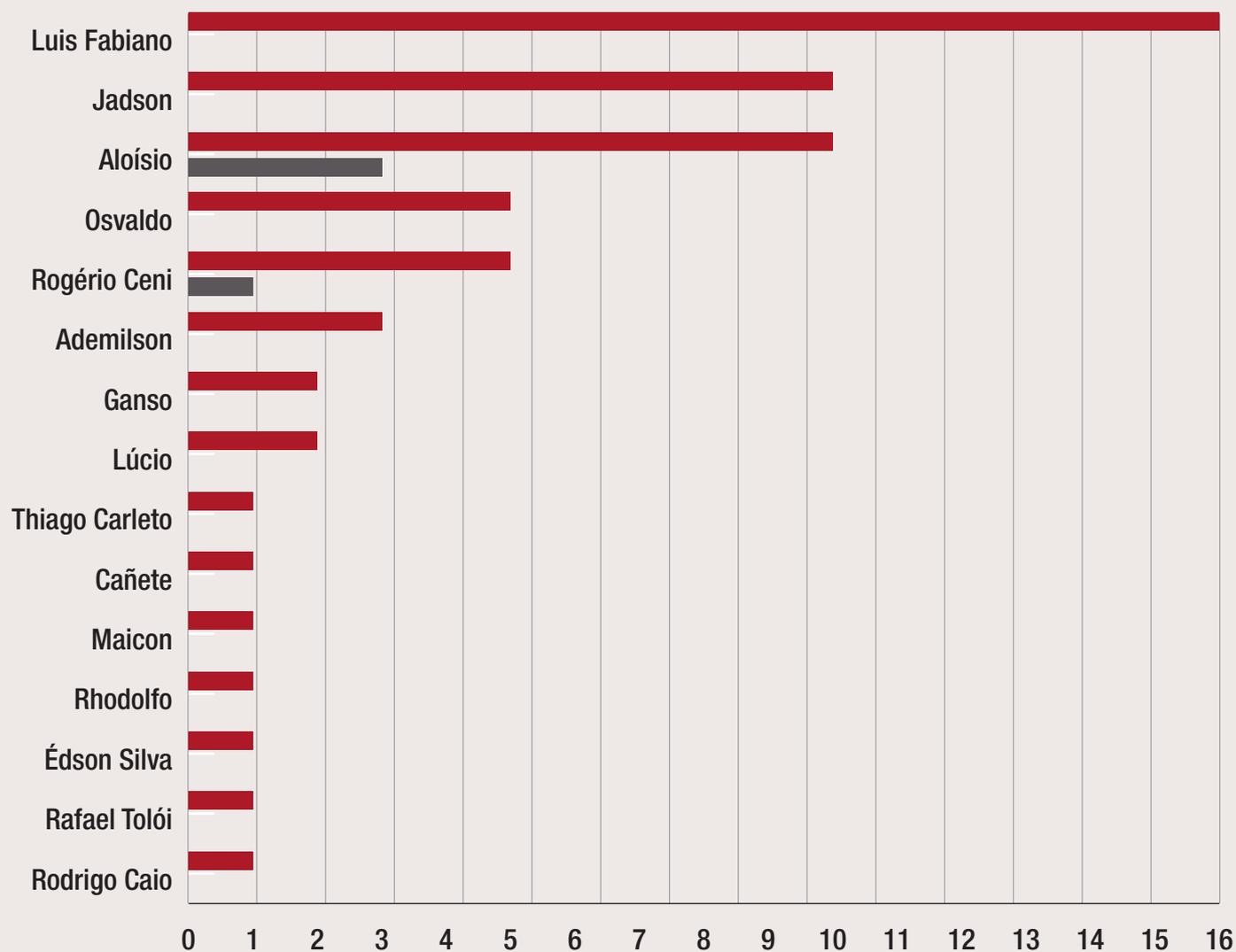




Foto: Cristiano Soares Fotografia

AGOSTO 2013

D	S	T	Q	Q	S	S
				1	2	3
4	5	6	7	8	9	10
11	12	13	14	15	16	17
18	19	20	21	22	23	24
25	26	27	28	29	30	31

01.08.13	13:15	Milan x São Paulo*
03.08.13	15:45	Benfica x São Paulo*
07.08.13	07:00	Kashima Antlers x São Paulo*
10.08.13	21:00	Portuguesa x São Paulo*
15.08.13	21:00	São Paulo x Atlético PR
18.08.13	a definir	Flamengo x São Paulo**
25.08.13	a definir	São Paulo x Fluminense

*Jogos fora de casa

** Local a definir

-  Copa Audi
-  Copa Eusébio
-  Copa Suruga Bank
-  Campeonato Brasileiro

Samanta Collor

@samantacollor



Calendário Tricolor é uma parceria entre ArquiBanda Tricolor e Revista TMQ.

Baixe em sua área de trabalho:
www.revistatmq.com.br/midia

www.arquibancadatricolor.com.br
@arqtricolor | facebook.com/arquibancada



Foto: Alessandra Nogueira / Revista TMO

DARÍO PEREYRA: CLASSE E RAÇA NA ZAGA TRICOLOR

Em tempos de crise, nada melhor que ouvir histórias e dicas de quem já escreveu sua história com o manto sagrado de três cores. Ainda mais se esse ídolo tiver em seu DNA a raça uruguaia.

A Revista Tricolor Mais Querido entrevistou o xerife Darío Pereyra, em uma tarde ensolarada no gigante Morumbi. Confira nas próximas páginas, a história de um dos maiores zagueiros da nossa história. por VINÍCIUS RAMALHO e ALBERTO SILVA

Tarde de quinta-feira após a derrota na primeira partida da decisão da Recopa Sul-americana. O clima de desânimo tomava conta dos torcedores tricolores. Nessa hora em que as coisas não acontecem de acordo com nossa história vencedora, nada melhor que recorrer a um ídolo do passado e bater um papo com ele no Morumbi, onde ele conhece, como poucos, cada atalho daquele gramado onde conquistou tantas vitórias.

Entre uma foto com torcedores que visitavam o estádio e até uma orientação de como turistas de Santa Catarina deveriam fazer para chegar até outro ponto da megalópole que hoje é sua casa, Dom Darío Pereyra concedeu entrevista exclusiva para a revista mais tricolor da web. Confira!

Revista TMQ: Darío, fale sobre sua chegada ao São Paulo. Sua adaptação demorou a acontecer; como foi esse período até se consolidar como um grande ídolo da história do São Paulo?

Darío Pereyra: Eu demorei a me adaptar porque eu era muito novo e não existia o intercâmbio de hoje. Hoje o jogador vai para a Europa, vai com a família toda, assessoria, papagaio, cachorro, leva todo mundo. Eu vim só, deixei lá a família, todos os amigos, tinha até namorada... então sofri mais por isso. Estando com a família você come a mesma comida. Eu vim e fiquei em uma casa dos atletas e a comida era diferente do que eu estava acostumado a comer, então sofri muito. Emagreci, perdi um pouco de força, os treinamentos eram diferentes, o ritmo de jogo era diferente aqui, os campeonatos mais puxados. Por isso demorei para me adaptar. Naquela época era mais difícil. Hoje, com internet, com as condições que vão os jogadores hoje, vão com toda a mordomia, então é muito mais fácil. Agora, tem gente que não se adapta porque vai com essas mesmas condições e aí fica difícil.

"O PROBLEMA DO PH GANSO É QUE QUANDO A EQUIPE NÃO ESTÁ BEM, A RESPONSABILIDADE CAI EM CIMA DAS ESTRELAS"

RTMQ – Aproveitando o gancho da pergunta, muita gente diz que se deve ter paciência com o Ganso e até comparam esse longo período que você levou para se adaptar ao São Paulo. Você acha essa comparação válida?

DP: Eu acho que o problema do Ganso é diferente, não passa por adaptação até porque de Santos para São Paulo não tem muita diferença, por estar no mesmo país, com a família, está com tudo. Acho que o problema é que ele teve lesões e precisa de uma recuperação, então ele não voltou a jogar o que jogou no Santos porque a gente ainda vê que ele não está com aquele ritmo, agilidade e força que um jogador precisa para jogar futebol. Hoje só técnica não joga, senão o Zico ainda estaria jogando, porque, tecnicamente, ele ainda conhece, mas fisicamente não tem mais condições. Eu poderia estar jogando se fosse só a técnica. O problema do Ganso é que quando a equipe não está bem, não joga bem, não consegue o resultado e isso, claro, cai em cima das estrelas: Rogério Ceni, Luis Fabiano e Ganso. Se o time estivesse ganhando com certeza o Ganso estaria jogando bem porque tudo fica mais fácil. Você ganhando de 2 a 0, todo mundo joga bem, joga bonito. Agora perdendo de 2 a 0 quem cresce é o adversário, então eu acho que o problema dele é esse.

RTMQ – Hoje estamos com um tabu com o SCCP. Você participou de uma quebra de tabu em 1980. Quando acontece isso, os jogadores precisam de uma motivação extra?

DP: Eu participei disso e o tabu realmente atrapalha. Atrapalha para quem tem que quebrar o tabu. Psicologicamente atrapalha porque parece que o adversário joga e sempre tem mais sorte. Então a gente vê assim: que a gente jogava naquela época bem e perdia, por um gol, por um erro. Então existe esse negócio de tabu, porque o que acontece três, quatro vezes, tem grande possibilidade de acontecer cinco ou seis. Realmente atrapalha. A gente acabou vencendo nesse tabu de 80, eu joguei no dia que a gente quebrou esse tabu, mas realmente não é fácil. Agora o momento do São Paulo é diferente do SCCP. Eles são campeões mundiais, têm um elenco que joga junto há dois anos, saem poucas peças; só saiu o Paulinho. Os demais tão vindo, mais jogadores, reforços, então é um time que foi campeão da Libertadores, Brasileiro, Paulista e está em um nível bem alto. O São Paulo... o problema não é só contra o SCCP, é contra o Atlético... Por que? Porque é um time que ainda não está bem formado, precisa de peças importantes onde você vai criar corpo, um time mais competitivo e poder enfrentar seja o Fluminense, Atlético/MG ou o SCCP. Hoje o time é médio.

RTMQ - Qual o treinador mais importante na sua passagem pelo São Paulo: Minelli, Carlos Alberto Silva ou Cilinho?

DP: Todos foram importantes. O primeiro foi o Minelli que tinha uma característica de muita marcação, força, inclusive treinando muito a parte física deixando até um pouco a parte técnica de lado. Ele

gostava de jogadores fortes, assim foi campeão brasileiro, na força! O Atlético tinha um time técnico com grandes jogadores e só ganhava de goleada. Nosso time ganhava de 1 a 0, não jogava bonito mais marcava muito. Nunca dava espetáculo, mas tinha jogadores fortes como Chicão, Teodoro, Serginho na frente, eu jogava no meio, na lateral Getúlio, Antenor, tudo cara forte e atrás também tinha Estevam, Bezerra, todo mundo muito forte. Além disso eram quatro jogadores de seleção: Serginho, Valdir Perez, Getúlio e Chicão. Então era um time forte e o Minelli gostava desse tipo de time. Depois veio o Carlos Alberto, que fomos campeões paulistas e vice campeões brasileiros. Era outro estilo, um treinador que trabalhava físico e técnico, que motivava os jogadores, trabalhava muito bem também e a gente conseguiu muitas vitórias com ele. O Cilinho era bem diferente dos outros dois. Era um treinador que motivava os jogadores, gostava de trabalhar com jogadores novos, incentivava. Por isso que ele conseguiu fazer o trio Silas, Muller e Sidnei, todos jogadores novos, que foram misturados com Pita, Careca, eu, Nelsinho... Ele priorizava muito o toque de bola, o drible, o jogo bonito. Então nosso time quando fazia um, depois fazia três ou quatro, porque sabia jogar, jogava bonito e dava espetáculo. Foram técnicos diferentes, com estilos diferentes mas todos muito bons e vencedores.

RTMQ – O Uruguai está em uma situação complicada nas eliminatórias. Depois da boa campanha na Copa das Confederações, você acredita que o time adquiriu a confiança necessária para garantir a vaga na Copa de 2014?

DP: O Uruguai na verdade jogou duas partidas boas e as outras não (na Copa das Confederações). Por que? Eu vejo que o Uruguai precisa se unir, os jogadores estão muito dispersos, não sei se era porque era fim de temporada, todo mundo cansado querendo férias. Pode ser que seja por isso. Contra o Brasil jogaram muito bem. Se jogarem como contra o Brasil nas eliminatórias, não perde e vai classificar que é o mais importante. Mas tem que jogar como jogou: unido, com espírito de luta e companheirismo. Equipe mesmo, coisa que não teve nos primeiros jogos, jogando contra a Nigéria, contra a Espanha não teve isso e a Espanha jogou muito melhor. Contra o Brasil jogou bem, está no caminho certo e sabe como tem que jogar. Agora eu espero que continue assim, não se disperse novamente, não comece a se desentender. Parece que os atacantes não se entendem, não dão a bola um para o outro, mas caso se unir dá para classificar sim.

"O SÃO PAULO PRECISA DE UM TIME MAIS EXPERIENTE E MAIS FORTE FISICAMENTE"

RTMQ – Lugano passou pelo São Paulo e deixou sua marca, sempre sendo lembrado para voltar. Você acha que uma volta dele nesse momento turbulento seria uma boa, ou um risco de acabar manchando uma história tão vencedora desse seu compatriota?

DP: Eu acho que o Lugano está mais forte e não está com uma continuidade de jogos e por isso está mais pesado. Caso venha a jogar ele melhora, pois precisa de ritmo de jogo. Se vier para o São Paulo com Reffis, todas as condições e treinando bem ele vai ficar ágil novamente. Na Europa é diferente, se você não está jogando, não treina muito e o jogador tem que se cuidar. A impressão que tenho é que na Europa, dizem, se você não cuidar de você, ninguém vai cuidar porque lá eles contratam outro, se você não jogar eles colocam outro. Aqui não, aqui todo o staff é preocupado, se o jogador não joga a responsabilidade é de todo mundo, não tem outro, tem que jogar e melhorar. Então aqui se ele vier, vai jogar bem como na outra passagem. Ele chegou, não estava tão bem assim e de repente ele subiu e agora seria igual. Ele poderia vir e ajudar muito, principalmente porque zagueiro precisa de liderança, saber conversar, orientar os laterais, volantes e faria bem ao São Paulo que hoje precisa disso.

RTMQ – E sobre o atual momento do tricolor. O que o técnico ou diretor de futebol Darío Pereyra faria para o time voltar ao caminho de glórias?

DP: Primeiro o Paulo Autuori precisa trabalhar o entrosamento, dar um padrão de jogo, mas fundamentalmente precisa pensar em dois ou três reforços. Precisa disso para dar mais consistência ao time. O plantel é bom, mas faltam algumas peças de raça, que sejam fortes fisicamente que se imponham e sejam líderes dentro do campo também. Chegando dois ou três jogadores, vai dar uma moral para os garotos que estão começando como o Rodrigo Caio, Tolói, Osvaldo que também é novo. Esses dois ou três ajudariam o Rogério Ceni, o Lúcio, Luís Fabiano na frente. O São Paulo precisa de um time mais experiente e mais forte fisicamente.

RTMQ – Como foi a experiência de treinar o São Paulo em 1997?

DP: Nosso time também era muito novo. Era a época que tinha que arrumar o Morumbi e não se podia gastar. Gastaram 26 milhões de dólares e não tinham dinheiro. Então subiram muitos jogadores, a gente fez campanhas boas, mas faltou experiência. Agora todos jogadores que saíram nessa época foram muito bem: Dodô, Aristizábal, França, Fábio Aurélio, Sydnei, Luís Fabiano, Denílson, só jogadores bons mas muito novos. Naquela época também precisávamos de três ou quatro, até o Rogério estava começando e não era tão experiente, então se tivéssemos jogadores experientes para juntar com a garotada, talvez seríamos campeões paulista e da Sulamericana que perdemos por falta de experiência.



Foto: Alessandra Nogueira / Revista TMQ

RTMQ – Todos se lembram da dupla Oscar e Darío Pereyra como uma das maiores zagas da história do São Paulo, foi a maior dupla de zaga que você jogou? Qual o diferencial de vocês para essa dupla dar tão certo? Vocês ainda tem contato?

DP: Sim tenho, ele tem um hotel em Águas de Lindoia e a gente procura se ver sempre ou se falar por telefone. Foi uma dupla muito boa porque o Oscar era jogador de seleção e mundialista, muito seguro, difícil de passar por ele, bom na marcação e muito bom de cabeça. Então eu era mais habilidade e saía mais para o jogo. A gente fazia uma boa dupla porque sem olhar eu já sabia onde ele estava posicionado, se eu tinha que voltar ou não. A gente também se falava muito e orientava os laterais e volantes que tínhamos na nossa frente. O lateral cobre as costas do zagueiro e o volante é o que faz a proteção da frente. Então eu pegando a minha parte com os laterais e volante a defesa ficava muito boa. Acho que não era só a zaga boa. Sim a zaga era boa, se entendia muito bem, mas a defesa era boa! O sistema defensivo era bom, mas a gente se falava muito. Não adianta você ter zagueiros bons, se o lateral não cobre, o volante não marca. Não dá para zagueiro nem goleiro salvar a pátria. A gente errava tinha o Gilmar atrás que pegava, era jogador de seleção. O sistema defensivo acabava ajudando a gente, porque todo mundo se conhecia. Todo mundo lembra tanto de nós, porque hoje de um tempo para trás, se você pensar, varia muito a zaga. Nós ficamos três ou quatro anos juntos, então teve um período vitorioso. Por isso que a gente era tão bom, a defesa era muito boa.

RTMQ – De bate pronto, qual seu principal momento no São Paulo como jogador?

DP: Eu acho que o título brasileiro de 1986 e o título paulista de 1987. Teve outros também. O bicampeonato paulista também foi muito bom, com um timaço. É difícil falar, mas se tiver que falar de um time que jogou bonito, deu espetáculo era aquele São Paulo de 1986 que foi campeão brasileiro e paulista no ano seguinte.

RTMQ – O que você sente quando entra novamente aqui nesse estádio?

DP: É um estádio muito bonito. Uma sensação gostosa. Dá vontade de jogar novamente. Infelizmente não dá, só se tiver um jogo de veteranos. Mas o estádio está muito bonito, bem cuidado, está lindo. É um passeio, mas dá emoção de lembrar dos jogos que fiz aqui, estádio cheio. É gostoso, muito legal e a dá saudade. Agora eu venho e fico na arquibancada, é outra sensação. Estar ali dentro, com estádio cheio é coisa bonita. É uma sensação muito boa.

"SEM OLHAR EU JÁ SABIA ONDE ELE (OSCAR) ESTAVA POSICIONADO, SE EU TINHA QUE VOLTAR OU NÃO"

PITA, O CRAQUE EM EXTINÇÃO

por *Alberto Ferreira*

Nós, que tivemos a sorte de ver futebol nos anos 70 e 80, podemos nos considerar privilegiados.

Foi uma época em que todo time grande tinha um camisa dez de verdade.

Pita era um deles. Chegou ao São Paulo em 84, numa troca com o SFC onde também foram envolvidos Zé Sérgio e Humberto. Essa troca acabou sendo vantajosa para ambos os lados.

Estreou no Tricolor num jogo contra a Ferroviária, no Morumbi. E nesse jogo mostrou sua faceta de artilheiro, marcando os três gols da vitória de três a zero.

Pode-se dizer que o Pita deu certo no Tricolor praticamente desde a sua chegada. Não me lembro de nenhuma má fase dele no time.

Nesse Campeonato Paulista, Pita comandou o time que terminou em terceiro lugar. A partir daí o treinador Cilinho iniciou uma grande reformulação na equipe.

No ano seguinte, Pita foi o maestro de um time espetacular. Quem viveu aquela época nunca esquece o ataque formado por Muller, Silas, Careca, Pita e Sidney.

E foi nesse ano que Pita fez o gol mais bonito que já vi num estádio. Jogo contra a SEP no Paraembu, pelo Campeonato Brasileiro. Pita pega a bola no meio de campo, olha pro lado, olha pro outro... e resolve sair driblando todo mundo. Driblou cinco e saiu na cara do Leão. Que também foi driblado e daí foi só tocar pra rede. Golaço!!!

Nesse ano, os Menudos foram campeões paulistas. Cada jogo era um show.

Em 86, o time já estava mais maduro e consequentemente mais forte. Quase chegou às finais do Paulista e foi campeão brasileiro. Na final contra o Guarani, Pita fez um dos gols do tricolor naquele jogo épico em Campinas que não cansamos de citar aqui nos nossos textos.

No ano seguinte, Pita jogou ainda mais. E comandou o time na conquista do Paulista daquele ano. Na sequência, quase chegou às finais da Copa União.

Mas, infelizmente, o timaço se desmontou em 88. E o Pita foi um dos que saiu, indo jogar na França. Mas, com certeza, esse foi um que honrou a camisa dez do tricolor.

Obs: Paulo Henrique Ganso deveria ler esse texto...

Raio-X

Nome: Edivaldo Oliveira Chaves

Nascido em: Nilópolis, RJ

Data de nascimento: 04 de agosto de 1958

Clubes em que atuou

1977 - 1984	Santos
1985 - 1988	São Paulo
1988 - 1989	Strasbourg (França)
1989 - 1990	Guarani
1991 - 1992	Fujita (Japão)
1993	Nagoya Grampus (Japão)



Um craque. Um autêntico camisa 10. Um maestro sem direito à má fase.

NOSSO VOLANTE DE SELEÇÃO... EQUATORIANA

Nosso jogador chegou credenciado por atuações na seleção de seu país

por *Bruno Fekuri*

Dia 29 de Janeiro de 1999. Nesta data, o então diretor de futebol do nosso tricolor, Pêrsio Rainho, confirmava a contratação de um jogador polivalente para o restante da temporada.

Hector Carabalí era o nome da fera. Equatoriano, dono do meio campo da seleção de seu país, vinha para tomar conta da meia cancha tricolor. E olha que foi uma novela até a concretização de sua transferência. Pêrsio Rainho chorou muito e conseguiu um pagamento em três parcelas de R\$ 50 mil pelo empréstimo de um ano do equatoriano.

Com 27 anos na época, bom porte físico e credenciado por sua seleção e um vice-campeonato da Libertadores do ano anterior pelo Barcelona de Guayaquil, chegou junto com uma barca de jogadores um tanto quanto furada, como o até então zagueiro, Wilson, sobrinho do gambá Wladimir.

Nosso técnico de 1999, Paulo César Carpegiani, fez questão da contratação do volante equatoriano, que conheceu no confronto contra a seleção equatoriana quando ainda era técnico do Paraguai em 1998.

O volante até tinha garra, atuava também como zagueiro, seu porte físico o credenciava para a posição. Mas isso era pouco pra um São Paulo. Se bem que comparado aos volantes da época não ficava tão atrás. Abusava das faltas e seu passe de lado era o melhor de suas características. Era um “brucutu” autêntico, ao estilo Dunga, piorado algumas vezes.

Quem olha seus números pelo tricolor até se espanta, afinal, em 19 jogos que atuou com o manto, o meio campista saiu vitorioso em 15, além de 2 empates e 2 derrotas. Uma boa média pra alguém tão limitado tecnicamente.

O que ficou marcado para os torcedores tricolores, foi o visual da figura, que logo em sua chegada pediu para desenharem o escudo do São Paulo em seu cabelo. Segundo o próprio viu jogares da NBA e gostou da idéia.

Por sorte, sua passagem não durou muito e o volante logo voltou para o Equador, especificamente para o Deportivo Quito, por onde permaneceu longos anos. Encerrou sua carreira em 2009, aos 37 anos, no Espoli, também do Equador.

As canelas adversárias agradeceram!

Raio-X

Nome: Hector Johnny Carabalí Cevallos

Nascido em: Guayaquil, Equador

Data de nascimento: 15 de fevereiro de 1972

Clubes em que atuou

1992 - 1999	Barcelona (Equador)
1999	São Paulo
2000 - 2005	Deportivo Quito (Equador)
2006	Olmedo (Equador)
2006	Manta (Equador)
2007 - 2009	Deportivo Quito (Equador)
2009	Espoli (Equador)



Jogador de seleção e finalista de Libertadores. No fim, só mais um esquecido...

A HORA DO RUSH

por Thiago Moura



Foto: Divulgação/RUSH

Caros tricolores, esse mês vamos homenagear uma das bandas mais influentes de todos os tempos. O maior power trio da história do Rock: a banda canadense Rush.

O Rush veio pela primeira vez ao Brasil em 2002 e, claro, a nossa casa foi o palco para uma grande apresentação. Grande em todos os sentidos - até hoje esse é o maior público de sua história. Mas para o Rush chegar até aqui foram anos de espera, uma espera que parecia que seria eterna. Devido a duas tragédias na vida do baterista Neil Peart (primeiro a perda de sua filha, em um acidente de carro, e depois de sua mulher, por conta de uma grave doença) a banda suspendeu as atividades. Durante esse hiato, Peart pegou sua moto e rodou sem destino percorrendo o Canadá, EUA e México. Quando voltou para a banda, gravaram o álbum "Vapor Trails" e, depois de alguns pequenos shows nos EUA, a banda achou que era a hora de vir para o Brasil pela primeira vez.

O show foi uma troca de experiências e emoções que renovou o Rush. Os fãs, que aguardaram décadas para isso, retribuíram de uma forma que eles jamais se esquecem. Para provar que eles estavam empolgados pra tocar, o show começou com um dos seus maiores clássicos, "Tom Sawyer". A galera foi a loucura. O show seguiu com vários clássicos dos primeiros álbuns da banda, até a parada. Na volta eles priorizaram músicas dos álbuns mais recentes. O ponto alto de todo show do Rush, na minha opinião, é o maestral e maravilhoso solo de bateria de Neil Peart! Naquele dia foi especial, por tudo: pela volta aos palcos, pela primeira vez no Brasil e por ele ter executado com um toque latino misturado às suas viradas que são características.

A segunda passagem demorou quase uma década - foi em 2011, também no Morumbi. Dessa vez o público era menor, talvez pelos altos preços dos ingressos que já nos assolam há algum tempo, porém, com a mesma empolgação.

Com a turnê "Time Machine" eles reviveram os grandes sucessos de sua carreira.



Foto: Divulgação/Rush

Eu não estava no primeiro show, mas estava nesse e posso dizer que foi uma grande experiência. Aprendi a gostar de Rush com uma parte da equipe aqui da Revista TMQ e posso garantir que ver aqueles senhores ao vivo é uma coisa impactante, sublime e contagiante. Todos tocam muito. Neil Peart e sua reputação de ser um dos maiores, se não o maior, bateristas de todos os tempos; Geddy Lee e sua incrível capacidade de cantar, tocar baixo e teclado, quase ao mesmo tempo; Alex Lifeson com riffs progressivos e pesados, todos dominando o público com técnica e carisma, com seus objetos estranhos no palco, como máquinas de lavar roupa, dinossauros de brinquedo e aquelas fornos que assam frango na padaria. Esse é o Rush, uma banda que tem um estilo único, de tocar e de impressionar as pessoas.

Curiosidade: Gene Simmons, baixista e líder do Kiss, disse que quando viu o Rush pela primeira vez ele estava no backstage do show, apenas ouvindo as músicas. Quando resolveu dar uma olhada para ver como era a banda, ele ficou em choque. "Eles são em três?! Apenas três?! Não pode ser!" foram as suas palavras para o Rush, que depois fez turnês conjuntas com o Kiss no final dos anos 70. Enquanto Gene e os membros do Kiss estavam nos corredores atrás de *groupies*, os caras do Rush ficavam trancados no quarto, sozinhos, escrevendo músicas ou lendo livros.

Até a próxima e *rock on!*



DICA PARA OUVIR

Dica: A minha música favorita é "Working Man", clássico do primeiro álbum do Rush. Eu acho que a primeira frase da música é uma das coisas mais geniais e simples que eu já escutei na vida: "I get up 7am and I go to work at 9..." Isso é uma amostra de onde eles vieram, de famílias humildes e trabalhadoras do Canadá; simplesmente genial. A segunda dica é o documentário "Rush - Beyond the Lighted Stage", da Banger Filmes. Ele conta toda a trajetória da banda até 2010. Um grande material para quem quer ter uma verdadeira aula de Rock'n Roll.



E AGORA PROFESSOR?

Desde a saída de Muricy Ramalho sete técnicos dirigiram o time e não tiveram a continuidade que o técnico tricampeão brasileiro teve. Paulo Autuori chegou com currículo vencedor no tricolor. Mas a culpa é só do técnico?

por VINÍCIUS RAMALHO

Crise no São Paulo, a pior série de derrotas da história do clube e mais uma vez chega um novo treinador para tentar salvar a pátria de três cores.

Paulo Autuori é o oitavo técnico que passa pelo São Paulo após a passagem vitoriosa de Muricy Ramalho que ficou mais de três anos comandando o time tricampeão brasileiro de forma consecutiva.

Com muito conhecimento de futebol e uma sobriedade que talvez seja necessária para um momento onde tudo que é falado volta contra o próprio São Paulo, Autuori retorna para continuar o que parou logo após o título mundial de 2005.

Ciente de que não era o preferido entre os torcedores, ele voltou após oito anos e dois meses da sua primeira chegada ao São Paulo e já na primeira entrevista mostrou entender que o momento é diferente daquele vivido em 2005.

Diferente dentro e fora de campo: fora de campo, pois a diretoria que deu respaldo e o buscou logo após a saída do campo, bate cabeça e não dá o suporte necessário para um trabalho tranquilo. Dentro de campo, porque o time tem jogadores que foram contratados a peso de ouro, mas que têm mostrado um futebol abaixo das expectativas.

Diante dessas mudanças e desse novo momento do São Paulo (que esperamos que passe logo), a Revista TMQ faz um raio-x de todos os técnicos que passaram pelo São Paulo nos últimos tempos e ajuda você, torcedor, a responder aquela velha pergunta:

A culpa é sempre do técnico?

**CAMPEÃO DO MUNDO
PARA APAGAR O INCÊNDIO.
ESCOLHA ACERTADA?**

A torcida recorreu ao passado. A diretoria também. Muricy, voltou? Não. Quem veio foi Paulo Autuori

“Não vim aqui para ser amado, vim para ser campeão”.

Assim Paulo Autuori retornou ao São Paulo. A afirmação faz qualquer torcedor achar que o técnico acreditou que encontraria um São Paulo como em 2005.

Mas engana-se quem acha que ele chegou em um momento tranquilo naquela ocasião. Após uma derrota para o Paraná Clube em um Morumbi vazio, a torcida do São Paulo reclamou da falta de empenho do time e Milton Cruz que havia assumido o comando do time interinamente após a saída de Emerson Leão, deixou o cargo para que Autuori assumisse.

A chegada do treinador, somada à contratação de Amoroso, é considerada por muitos a grande cartada tricolor para voltar ao topo da América.

Autuori chegou e, numa época que ganhar do rival regional era barbada, viu o time aplicar um sonoro 5 a 1 em pleno Pacaembu, com direito a demissão de Daniel Passarella e torcedor adversário chorando no alambrado do estádio municipal.

Em 2013 o cenário podia ser o mesmo caso Autuori ganhasse o título da Recopa Sulamericana, em partida contra o mesmo adversário no primeiro confronto valendo título internacional entre as equipes.

Infelizmente não foi assim. O técnico chegou e viu o clube caminhar para a pior série de derrotas da história. Viu jogadores sendo expulsos em quase todos os jogos e um time abalado psicologicamente; tomar um gol era a senha para mais um vexame e protestos vindos das arquibancadas.

A primeira mudança significativa do treinador foi antes do jogo contra o SCCP, válido pelo Brasileirão, quando barrou os medalhões Lúcio e Paulo Henrique Ganso. A medida aconteceu exatamente um dia após a saída do Diretor de Futebol Adalberto Baptista, considerado pela diretoria um grande negociador justamente por conseguir trazer para o Morumbi jogadores caros e cobiçados por qualquer grande clube do futebol mundial.

Agora Autuori deve aproveitar a excursão para Alemanha, Portugal e Japão para tentar fazer o que disse que precisaria ser feito na sua chegada: formar um grupo.

Grupo que hoje tem Rogério em fim de carreira dando mostras que já não tem mais paciência diante de companheiros que não mostram o mesmo compromisso que ele sempre teve vestindo a camisa tricolor.

Grupo que tem jogadores com passagens por seleção brasileira e que tem na frente um jogador que mostra que a ansiedade de ganhar um título pelo clube que tanto se identifica o atrapalha na hora que precisa ter a tranquilidade que sempre teve para fazer gols.

Será que Autuori será o salvador da pátria e colocará o São Paulo de volta ao caminho das vitórias?

Será que Autuori será o técnico que, depois de muitos que duraram pouco no Morumbi, terá continuidade e tempo para ganhar outros títulos capitaneando o tricolor?

Experiência e confiança por parte de diretoria e do maior ídolo da história ele tem. Então, torcedor, deixa o homem trabalhar!

AUTUORI TEM A CONFIANÇA DO MITO. ÓTIMA CREDENCIAL PARA LEVAR O SÃO PAULO AO TOPO

Aproveitamento não é nada sem títulos. Certo, Carpegiani?

A passagem de Muricy Ramalho pelo São Paulo foi vitoriosa e ninguém contesta esse fato. Para ser tricampeão brasileiro, o discípulo de Telê Santana teve um aproveitamento de 64,14%. Entre janeiro de 2006 e junho de 2009, foram 251 jogos no comando do tricolor, vencendo 139 jogos, empatando 66 e perdendo em 46 oportunidades.

Agora, já pensou se você continuar lendo essa matéria e descobrir um técnico que passou pelo São Paulo, após a saída de Muricy, com aproveitamento de pontos superior ao técnico conhecido pelo jargão: “Aqui é trabalho, meu filho!”?

Pois bem. Paulo Cesar Carpegiani ficou no São Paulo entre outubro de 2010 e julho de 2011. No período o São Paulo fez 47 jogos. Ganhou 30, empatou somente 4 e perdeu 13. Aproveitamento próximo a 67%, portanto, em números, melhor que Muricy Ramalho.

Agora pergunte ao torcedor se ele se lembra do aproveitamento ou da insistência de Carpegiani em não dar chances para Rivaldo jogar. Isso sem falar da vexatória eliminação da Copa do Brasil para o Avaí, tomando uma virada em Florianópolis e na beira do campo mostrando que não sabia o que fazer com o time.

Outro que teve um aproveitamento melhor que o de Muricy, mas que o torcedor não quer ver nem pintado de ouro para os lados do Morumbi, é Emerson Leão. Também em sua segunda passagem pelo comando técnico do São Paulo, entre outubro de 2011 e junho de 2012, teve um aproveitamento de 63,64%, vencendo 26 dos jogos disputados sobre seu comando.

Depois de Leão o melhor aproveitamento foi de Ricardo Gomes. O treinador que chegou muito perto de levar o time para mais uma decisão de Libertadores em 2010, sendo eliminado na semifinal pelo Internacional que conquistaria aquela edição do campeonato, teve um aproveitamento de 58,9%. Em 73 jogos foram 38 vitórias, 15 empates e 20 derrotas.

Último técnico antes de Paulo Autuori, Ney Franco até ganhou a Copa Sul-americana de 2012, mas teve um aproveitamento abaixo dos anteriores citados. Em 79 jogos, ganhou 40, empatou 17 e perdeu 22, resultando um aproveitamento de 57,81%.

Alguém se lembra de Adilson Batista e Sérgio Baresi? Essa dupla não dá para ser lembrada nem por títulos, nem por números.

Adilson comandou o São Paulo em 22 jogos venceu, empatou 9 e perdeu 6. Aproveitamento fraco de apenas 45,45%. Números parecidos aos de Sérgio Baresi. O técnico, que era aposta por conhecer a base de garotos revelados em Cotia, dirigiu o profissional em 14 jogos, vencendo 5, empatando 4 e sendo derrotado em outras 5 oportunidades. Aproveitamento de 45,24%.

Os números ainda desbancam aquela tese de que Milton Cruz é o interino que faz o time correr e por isso consegue bons resultados. Ele assumiu o São Paulo interinamente 5 vezes após a saída de Muricy Ramalho.

Nessas oportunidades, esteve no banco de reservas em 15 jogos. Venceu 6, empatou 4 e perdeu 5 jogos. Esses números fazem o eterno garimpeiro de contratações para o tricolor ter um aproveitamento de apenas 48,89%.

Ainda bem que o futebol se faz com títulos e não com matemática, ainda mais quando se dirige o time com maior número de títulos internacionais entre os clubes brasileiros, não é mesmo torcedor do São Paulo?

TENTATIVAS NOS MAIS DIVERSOS ESTILOS

Para um treinador conseguir êxito ele precisa da aprovação dos jogadores. Afinal, quem vai para o campo e coloca em prática o que é treinado durante a semana são os 11 escolhidos pelo comandante.

O treinador pode ser motivador, tático, amigão, calmo, mas o que a torcida mais quer mesmo é ver o time jogando bola.

O São Paulo tentou os mais diversos tipos de técnicos nos últimos quatro anos, mas nada conseguiu chegar nem perto do incomparável Telê Santana e seu discípulo Muricy Ramalho.

Ney Franco chegou com sua calma e falando grosso. Disse que queria ser cobrado, pois aceitando o convite de um time grande, tinha que lutar por títulos. Mas, nos bastidores, o que se dizia era que o treinador do estilo mineirinho perdeu o comando por não fazer o trabalho tático com o time, deixando tal tarefa para seu auxiliar técnico.

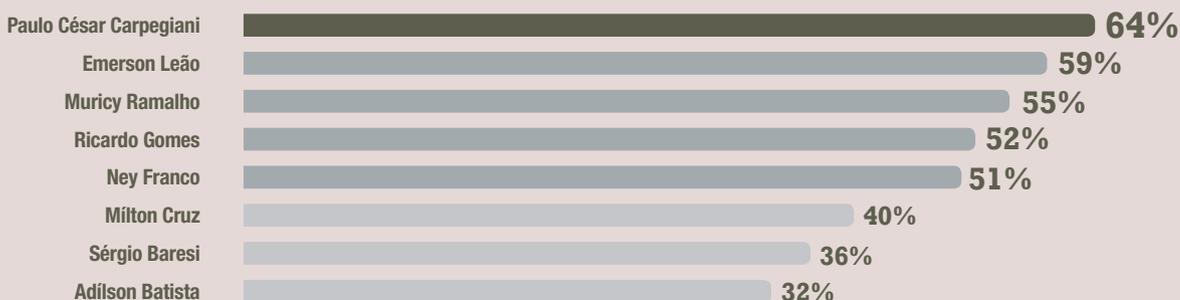
Antes dele Emerson Leão também não teve sucesso no CT da Barra Funda. Seu estilo egocêntrico parecia não deixar espaço para que estrelas pudessem brilhar no elenco tricolor. Vale lembrar que ele não conseguiu fazer o futebol de Lucas, vendido no final de 2012 para o Paris Saint-Germain, decolar.

Adilson Batista foi uma aposta da diretoria em alguém novo no cenário dos técnicos. Não durou muito com seu estilo de futebol de resultados, apostando em congestionar o meio campo com três volantes. O tal futebol de resultados não deu o resultado esperado pela diretoria e pela torcida e ele foi embora do São Paulo.

		Jogos	Vitórias	Empates	Derrotas	Aproveitamento
2006 a 2009	Muricy Ramalho - O Discípulo Aprendiz e admirador de Telê Santana, foi no Mais Querido que se tornou "técnico de ponta". Porém, nem os três títulos nacionais consecutivos seguraram o professor após a quarta eliminação seguida na Libertadores. Assim começava a dança dos técnicos tricolores.	251	139	66	46	64,14
2012 a 2013	Ney Franco - O mineirinho Treinador de fala tranqüila chegou ao São Paulo após bom trabalho nas divisões de base da CBF. Era a aposta para enfim fazer jogadores de Cotia brilhar no time de cima, mas não deu certo.	79	40	17	22	57,81
2009 a 2010	Ricardo Gomes - O Europeu Ainda em tempos do discurso da soberania tricolor, era a aposta de um técnico que ficou durante muitos anos no futebol europeu. Educado e paciente com os jogadores, não agüentou a eliminação da Libertadores de 2010	73	38	15	20	58,90
2010 a 2011	Paulo César Carpegiani - O professor pardal O treinador que gostava de improvisar ganhou o apelido de professor pardal da torcida do São Paulo. Os zagueiros Renato Silva, Xandão e Luiz Eduardo jogaram na lateral esquerda sob seu comando. Tá explicado o apelido?	47	30	4	13	66,67
2011 a 2012	Emerson Leão - O egocêntrico Time de estrelas para ser comandado por Emerson Leão não dá liga. O ex-goleiro ficou conhecido por querer brilhar mais que os craques que são protagonistas dentro de campo.	44	26	6	12	63,64
2011	Adílson Batista - Futebol sem resultados Defensor do estilo de marcação com três volantes, sempre foi adepto do futebol de resultados. O problema é que os resultados e títulos não apareceram na sua carreira.	22	7	9	6	45,45
2009/11/12/13	Milton Cruz - O Interino Com a troca desenfreada de treinadores, o caça-talents tricolor virou figurinha carimbada no banco. Na última passagem na posição obteve 2 resultados pífios e muitas críticas, antes, raras.	15	6	4	5	48,89
2010	Sérgio Baresi - O sem moral Vindo de Cotia, onde treinava o time sub-20 do São Paulo, mostrou não ter comando sobre os mais experientes, após ser orientado por Rogério Ceni sobre a substituição que deveria fazer em um jogo contra o Atlético/GO.	14	5	4	5	45,24

Fonte: Michael Serra/Acervo história SPFC

% de aproveitamento



Paulo César Carpegiani chegou no final de 2010 e, sem compromisso no campeonato brasileiro onde o time ocupava posição intermediária na tabela, mostrou ousadia conseguindo bons resultados. Mas com tempo para trabalhar e iniciar uma temporada apostou novamente nas improvisações que sempre marcaram seu trabalho e voltou a ser chamado de professor pardal pela torcida do São Paulo. Não deu oportunidades para Rivaldo, que tinha o nome gritado pela torcida a cada insucesso, e caiu no início do Brasileiro de 2011.

Sérgio Baresi era uma aposta em um treinador que conhecia as jóias de Cotia e poderia fazê-las amadurecerem mais rápido no profissional. O problema é que não tinha o respeito dos jogadores mais experientes do elenco e não teve vida longa no time profissional.

Com aprovação de Raí, Ricardo Gomes chegou ao São Paulo para trazer o estilo europeu ao clube mais vitorioso do Brasil. Foi o que levou o Tricolor mais longe, à semifinal da Libertadores, mas também não teve vida longa no Morumbi.

A resposta é quase que óbvia, mas aqui evidenciamos que o problema não são só os técnicos, seus estilos ou suas convicções. A máquina precisa estar funcionando e a retaguarda é necessária para um técnico ter vida longa no comando de um time de futebol. Que essa receita seja seguida durante mais uma passagem de Paulo Autuori no São Paulo.

ACREDITEI NO PESO DA CAMISA

por Leandro Pinheiro



Foto: Penalty / VIPCOMM

Há quem diga que tradição pode ganhar jogo. Confesso que mesmo ciente das deficiências do São Paulo ao longo da temporada e, principalmente, nos últimos meses, acreditei que a camisa tricolor seria capaz de fazer valer a sua força nos momentos decisivos. Foi com esse pensamento que vesti o manto e marquei presença nas arquibancadas durante os dois jogos da final da Recopa Sul-Americana. Triste ilusão... Apesar da grandeza do Mais Querido e toda história da nossa camisa, infelizmente, hoje não temos um time capaz de bem representá-lo.

Culpo vários fatores para esse atípico mau momento tricolor. Não só a falta de um padrão tático à equipe, que chega ao segundo semestre com os mesmos (ou piores) problemas do início do ano, mas também a indolência de alguns jogadores dentro campo, a falta de seriedade com que alguns dirigentes vêm encarando a situação delicada que o clube atravessa, e, como não é difícil de perceber, a falta de boas opções no elenco, com alguns setores sofrendo de uma carência absurda.

Dou toda razão para o discurso do M1T0, que afirmou que o São Paulo “parou no tempo”. É a mais pura verdade.

Os mandatários que comandam o futebol dentro do clube sentaram em cima do rótulo de Soberano e deixaram a coisa desandar. Contratações que não vingaram e não substituíam à altura as antigas peças, indevida interferência da direção em aspectos exclusivamente técnicos, dispensa de profissionais que fizeram grandes trabalhos dentro do Morumbi (e agora fazem o mesmo grande trabalho em outros clubes).

Fazer críticas ao trabalho do Autuori neste momento não é justo, e nem possível. Ele pegou o barco andando, e afundando, e praticamente não teve tempo para corrigir as deficiências e emplacar um novo padrão tático para o time. Vamos dar tempo ao chefe. Espero que na próxima vez em que eu escrever essa coluna, o Tricolor já tenha alcançado o mínimo de organização para tentar salvar a temporada. Esse é o meu desejo, como são-paulino que aprendeu e se acostumou a torcer por times competitivos, e o grito de toda nação tricolor:

VAMOS SÃO PAULO!

CONTE SUA HISTÓRIA: LEANDRO BENAGLIA

por Jussara Araujo



Nome: Leandro Benaglia

Idade: 34

São-paulino desde: Dezembro/1985 (nascimento)

Como virei são paulino: Nesta data, quando eu ainda tinha seis anos de idade, fui convidado pelo meu tio Celsinho, "santo tio", para ir até São Paulo ver a final do campeonato paulista daquele ano. Eu ainda não entendia nada de futebol, e meu pai sempre foi santista, mas nunca me obrigou a torcer pelo Santos. Hoje certamente eu seria santista, mas quis o destino, graças a Deus, que eu me transformasse em mais um apaixonado pelo Tricolor Paulista... Desse jogo lembro-me de muitos lances, dos gols, por exemplo, da bola na trave que o São Paulo tomou... Bom demais!!!

Meu jogo inesquecível foi: Meu jogo inesquecível ao vivo foi a final do Paulista de 92, quando o São Paulo enfiou quatro no "Parmera" do meu avô!!! Naquele ano, eu havia repetido o ano na escola, quase não fui ao jogo porque estava de castigo!!!

Meu herói tricolor é: Pela idade que eu tinha, fico com Raí. Mas, como torcedor, sou Ceni!!!!

Se eu pudesse escalar um São Paulo com jogadores de todos os tempos, minha escalação seria: Não tinha uma pergunta mais fácil não????

Minha história inesquecível como torcedor é:

Uma história legal foi quando fomos ao Morumbi ver São Paulo e Cruzeiro no Brasileiro de 2008, se não me engano. Minha namorada, ex-SCCP, chorou muito quando entrou no estádio na arquibancada azul e viu o Morumbi lotado, ela grudou naquela barra e ficou olhando e chorando sem parar, e adivinha? Mais uma Apaixonada pelo nosso São Paulo.

Hoje, se eu fosse presidente do clube, mudaria:

Se eu fosse presidente hoje eu pediria pra sair e colocaria o MAC (Marco Aurélio Cunha). Visão nova, articulado, parece ser amigo de todos... O tricolor precisa abrir as portas e janelas, sacudir a poeira e dar boas vindas a novos torcedores, novas maneiras de se gerenciar um clube... Acredito nele!!! Precisamos lembrar sempre que o São Paulo é um time mundialmente conhecido, vamos levar nosso nome para fora, estamos ficando para trás!!!

Minhas três maiores razões para ser eternamente tricolor são: As três se resumem em uma só, amor, é bom demais torcer por um time que tem história no mundo. Por isso tricolor sempre!

VOLVERÁ EL CAMPEON?

por *Ulises Cárdenas*



Combate Naval de Iquique», óleo de Thomas Somerscales

A HISTÓRIA RESPEITA
QUEM TEM CORAGEM. NÃO
IMPORTA O TAMANHO DO
INIMIGO, LUTEM ATÉ O FIM!
#CLUBEDAFÉ

Gostaria de começar essa coluna com um pouco de história.

No dia 21 de Maio de 1879, na cidade de Iquique, norte do Chile, travou-se um dos mais famosos combates da Guerra do Pacífico: A Batalha Naval de Iquique. A frota peruana era superior. Muito mais forte, mais armada e tinha um diferencial intransponível para a época: um navio couraçado de aço. O almirante chileno, Arturo Prat, não hesitou quando avistou a frota inimiga desde a praia, não se intimidou diante do poder dos oponentes, zarpou em direção ao combate, e morreu sobre o convés inimigo. Todos os marinheiros daquele navio chileno morreram. Todos são lembrados até hoje, no feriado nacional de 21 de Maio. A derrota não apagou sua glória. Por quê? Porque lutaram até o fim sem medo e, mesmo derrotados, são reconhecidos e respeitados.

Agora, alguém ai vai dizer: "mas que estranho, o cara escreve sobre futebol, mas tá falando de Guerra do Pacífico?" Pois é amigos, "será uma guerra" é o que se costumávamos ouvir quando nosso clube do coração subia a campo para travar os mais diversos combates contra os rivais. Mas não é o que acontece hoje. Hoje estamos longe de atingir tal glória como a de meus patrícios, dois séculos atrás. Entramos em campo com cara de derrotados, querendo perder de pouco. Hoje, depois do apito final, mesmo derrotados, não nos entreolhamos mais e ponderamos "foi uma partida fantástica amigos, valeu o esforço". Não, a partida acaba e fica o sentimento de que não merecem vestir o manto sagrado. Poucos ali merecem as estrelas que carregam no peito. Ninguém ali merece, com raras excessões, ser lembrado.

Na coluna do mês passado exaltei o peso da camisa Tricolor, pontuei claramente qual o nosso lugar. Apresentei dados, títulos internacionais, e fica clara a superioridade do Mais Querido, diante dos rivais. Mas me parece que os nossos "guerreiros" não entenderam isso. Parece que não sabem o que significa o legado do Soberano. Notem uma coisa, na segunda partida pela Recopa Sul-Americana, não se fez sentir o peso da tradição internacional. Não se fez sentir

que os novatos em títulos internacionais é que deveriam entrar em campo tremendo. No mesmo dia, lá no Paraguai, o Olímpia, tricampeão da Libertadores, fez o Galo sentir o peso da tradição. Entrou em campo de cabeça erguida, com direito a mosaico da torcida exibindo as três taças. Conquistou a vitória. Não ficou com a taça, mas honrou sua história.

É amigos, devo admitir que temos que mudar muitas coisas ali. Ainda mais com os campeonatos internacionais que estão por vir. Se liguem:

- **Copa Audi:** enfrentaremos Manchester City, Milan, e nada mais do que o Bayern de Munique;
- **Copa Eusébio:** em homenagem ao grande ídolo português. O São Paulo enfrentará o Benfica em partida única;
- **Copa Suruga:** competição envolvendo os campeões da Copa Sul-Americana e da Copa da Liga Japonesa do ano anterior, onde enfrentaremos o Kashima Antlers.

Três títulos em disputa que aumentariam nosso quadro. Mas será que esse time esta ciente do que isso tudo quer dizer? Saberão mostrar tradição? Na minha humilde opinião este atual time esta rasgando a tradição internacional do Tricolor. Está jogando fora o que mais nos diferencia dos demais. Em 2013 comemora-se 20 anos das conquistas de 1993: Bicampeão da Libertadores, Bi-ampeão Mundial, Campeão da Recopa, Campeão da Super Copa Libertadores. Só esse pequeno quadro supera em muito rivais que nem precisam ser pronunciados aqui. Mas o atual elenco não sabe o que é isso.

Diante da situação que estamos passando ouço muitas bobagens envolvendo o Capitão Rogério Ceni. Bobagens que nem merecem ser mencionadas por aqui, não vale a pena. Um ídolo imortalizado na história do esporte não merece o tratamento que vem levando. Óbvio, os rivais o odeiam e com razão, afinal nunca terão um igual. E por isso falta que alguns, quase todos, ouçam o seguinte: Vocês estão jogando ao lado do maior ídolo de todos os tempos deste clube. Se querem ser lembrados, façam com que o seu último ano neste glorioso time, seja o ano em que



Vocês jogam ao lado de um herói. Sejam dignos.

vocês fizeram a diferença. Só assim vocês serão imortais. Qualquer um que triunfar ao lado do maior de todos, será lembrado na posteridade.

Uma coisa é certa, o passado não será mudado. O futuro é conquistado. Não adianta em nada ficar exaltando o passado se não estamos trabalhando para construir um futuro próspero. O passado fica para trás, e se não nos preocupamos com o que podemos conquistar além do que já se tem então o passado ficará muito mais para trás, muito mais distante, se é que me entendem.

Ah! Esqueci de uma coisa. Antes de Arturo Pratt cair morto no convés inimigo, ai vai um trecho das palavras desferidas antes da abordagem:

"¡Muchachos!: La contienda es desigual, pero ánimo y valor. Nunca se ha arriado nuestra bandera ante el enemigo y espero que no sea ésta la ocasión de hacerlo. Por mi parte, os aseguro, que mientras yo viva, esa bandera flameará en su lugar y si yo muero, mis oficiales sabrán cumplir con su deber ¡Al abordaje!".

Arturo Prat. 21 de mayo de 1879

Não importa o tamanho do inimigo. Lutem até o fim! #clubedafé.

Avante "Tu és forte, Tu és grande" Tricolor!



A RICA GALERIA TRICOLOR DE TREINADORES

Atualmente ser técnico do Mais Querido é emprego temporário. Nem sempre foi assim. O Baú Tricolor mostra que tradicionalmente o cargo de técnico do São Paulo foi ocupado por vencedores que deixaram saudades

por RONEY ALTIERI

Em tempos de muito mais barulho por problemas administrativos do que propriamente por conquistas de títulos tão comuns nessa última década, novamente nos vimos envolvidos pela polêmica da contratação de um novo treinador.

Os números mostram o quanto mudamos nesse que foi sempre um quesito de equilíbrio em nossa gloriosa história. Enquanto nossa média é de 12 mudanças de treinadores por década, somente nesses últimos 4 anos (de 2010 a 2013), tivemos as mesmas 12 mudanças já realizadas. E nem acabamos 2013...

Por vezes idolatrado (o nosso Mestre Telê), por outras odiado (que o digam Emerson Leão e Carpegiani), o “professor” tornou-se uma figura não só obrigatória nas equipes, mas também polêmica e questionável, afinal, no país da bola, milhões são os técnicos de futebol.

Não é preciso ser são-paulino para saber o quanto sempre privilegiado fomos quando o assunto é o tal “professor”.

Para que tenham uma ideia da importância do cargo em nossa Instituição, passaram por nossas fileiras os treinadores das seleções brasileiras nas Copas do Mundo de 1950 (Flávio Costa), 1954 (Zezé Moreira), 1958 e 1966 (Vicente Ítalo Feola), 1962 (Aimoré Moreira), 1982 e 1986 (Telê Santana) e 1994 (Parreira).

Técnicos estrangeiros também marcaram presença em nossa vitoriosa história. Foram quatro uruguaios (destaques para os ex-jogadores Darío Pereyra e Pablo Forán), três argentinos (um deles José Poy), três húngaros (um deles Bela Guttmann, “o homem que transformou o futebol”), um chileno e um português.

Além disso, 15 ex-jogadores tricolores assumiram também o cargo de treinador, com destaques para Milton Cruz (mesmo que interino) por sete vezes, o grande e inesquecível José Poy em cinco oportunidades, o supercampeão Muricy Ramalho, o craque mundialmente reconhecido Leônidas da Silva e até o “foi tudo, até presidente, passando por treinador”, Manoel Raimundo Paes de Almeida.

Porém, de todos esses, alguns merecem destaque.

Vicente Ítalo Feola está com certeza entre os três maiores treinadores da nossa história.

Foram sete passagens (1937 a 38, 38 e 39, 41 e 42, 47 a 50, 51 a 53, 55 a 57, 59 e 60) em 532 partidas pelo Tricolor, com um aproveitamento de 63%. Duas Copas do Mundo (e só não esteve em 62 por causa de uma doença que o tirou da Copa) e uma história de se tirar o chapéu, inclusive com a responsabilidade de ter implantado no São Paulo e dado valor as categorias de base, que hoje tantos talentos revela nas mãos de Sergio Baresi.

José Poy, goleiro dos maiores que tivemos, também ocupou o cargo de treinador em cinco oportunidades (1964 a 65, 71 a 72, 73 a 76, 82 a 83). Campeão paulista de 1975 e revelado o maior artilheiro da nossa história (Serginho Chulapa),

Poy quase conseguiu nosso primeiro título de Libertadores, no vice-campeonato de 1974. Tem o segundo melhor aproveitamento dos nossos treinadores, com 61% em 422 partidas.

Discípulo do Mestre Telê, Muricy Ramalho também marcou presença em suas passagens pelo São Paulo. De jogador formado na base até conquistar três títulos nacionais seguidos (2006/07/08), sua história, por mais que mostre o contrário (por tudo aquilo que ganhou fora do Tricolor), parece não se dissociar do Clube do Morumbi.

Implacável com os jogadores que não honram a camisa fez 364 partidas no Tricolor com um aproveitamento de 64% (o quarto maior treinador em partidas no São Paulo).

Porém a “pedra preciosa” dessa tão valiosa galeria com certeza foi o Mestre Telê Santana, o homem que nos abriu a porta para a Conquista da América e do Mundo.

Exigente, organizado, dono de uma visão extraordinária quando o assunto era tática, o Mestre esbanjou categoria no comando Tricolor e arrebatoou uma série de campeonatos “menores” (Paulista, Brasileiro, Torneios Internacionais) quando nos referimos às históricas conquistas acima citadas.

Mesmo não tendo a mesma felicidade em Copas do Mundo (82/86), saiu aplaudido por todo o Planeta Bola, fazendo todos se renderem ao futebol que a seleção Brasileira apresentou principalmente na primeira participação.

Foram 412 (1973/1990 a 96) partidas no comando do Clube das três cores com um aproveitamento de 58%. E que aproveitamento, hein?

E pensar que em sua primeira passagem, o Mestre acabou “engolido” pelos jogadores numa das mais frustrantes experiências que teve no futebol, segundo seus próprios relatos.

Outros grandes nomes do futebol que defenderam as nossas cores como treinadores e que não podemos deixar de citar foram Rubens Francisco Minelli (nos deu o primeiro Brasileiro em 77), Pepe (o segundo Brasileiro em 86), Oswaldo Brandão, Carlos Alberto Silva, Cilinho, Nelsinho Batista, Vadão, Levir Culpi todos técnicos campeões regionais e com destaque no cenário nacional.

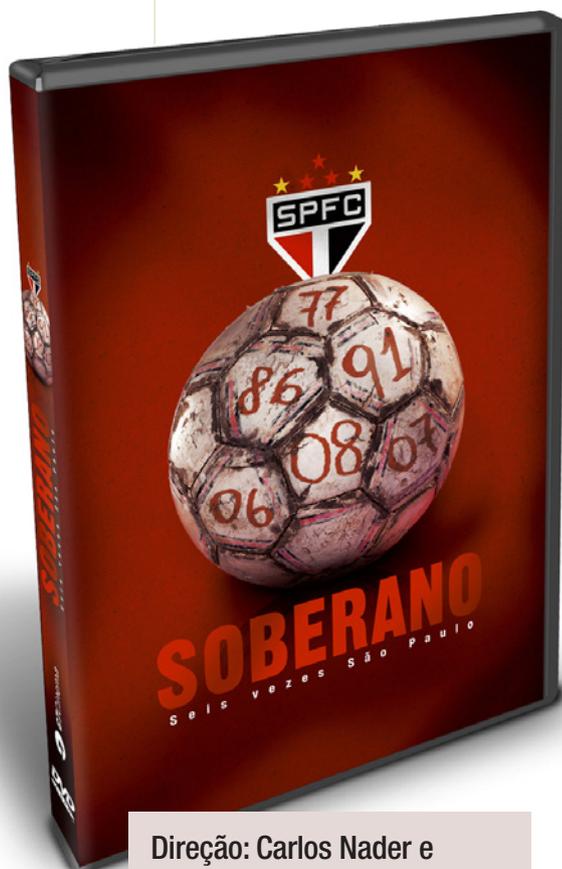
Porém a nossa realidade agora é outra e chama-se Paulo Autuori. Em sua segunda passagem pelo Tricolor (na primeira em 2005 nos deu uma Libertadores e um Mundial) ele tem a exaustiva tarefa de nos recolocar no caminho das vitórias depois das últimas frustrantes campanhas, exceção feita à Ney Franco e sua conquista da Sul Americana, até então inédita.

Respiremos fundo que o momento não é bom, mas sempre com a certeza de que, quem nasceu para ser sempre grande, não se abala tão facilmente com os momentos menos favoráveis.

Avante “Tu és forte, Tu és grande” Tricolor!

SOBERANO - SEIS VEZES SÃO PAULO

por *Fabrcio Gomes*



Direção: Carlos Nader e Maurício Arruda

Ano: 2010

Duração: 90 min

Produtora: G7 Cinema

Olá Amigos! Agora que o campeonato nacional está rolando solto pelos campos, vamos falar de uma grande campanha. Com o início do segundo turno do Brasileirão, não poderia lembrar de outro assunto, senão da espetacular arrancada do Jason Tricolor rumo ao Hexacampeonato de 2008. E, para contar esta história, o DVD Soberano o faz com muita emoção.

Este kit é composto por diversos documentos e artigos históricos. Aliás, neste DVD, o torcedor tricolor encontrará relatos incríveis de todos os nossos títulos brasileiros, não só o de 2008. Desde 1977, naquela épica final contra o supertime do Galo Mineiro, até a partida contra os goianos na última rodada do ano do hexa.

Cada campeonato é contado em, aproximadamente, 15 minutos. Pode parecer pouco, mas não. Acreditem-me: é o tempo exato para deixar a sensação de euforia tomar conta de si a cada narrativa. E, claro, com a curiosidade aguçada, você pode pesquisar a respeito depois, inclusive com os livros que já indiquei aqui.

Depoimentos são imprescindíveis neste tipo de obra e a qualidade dos depoentes é sensacional: Waldir Peres, Careca, Raí, Rubens Minelli, Muricy, Ceni... até o Telê! Isso, aliado à emoção dos torcedores que também contam suas histórias, cria um clima intimista em que é possível se identificar em muitos aspectos.

Como falar de São Paulo é sinônimo de inovação, o cartaz do filme (que é a capa do DVD) foi escolhido pelos torcedores numa votação pública, através do site do clube, com cinco opções. O pleito obteve mais de 14 mil votos!

Outro ponto de curiosidade: já no primeiro fim de semana, sendo exibido em 50 salas, "Soberano" levou aos cinemas mais de 18 mil pessoas, número 20% maior que "Fiel", de 2009. Novo recorde!

Nunca é demais relembrar: no ano do Hexa, o São Paulo perdeu o jogo da 20ª rodada, justamente contra o líder, que abriu 11 pontos de vantagem sobre nós, que ficamos na quinta colocação; na 24ª rodada, chegamos à sexta; na 33ª assumimos a ponta. Nas palavras do Capitão:

"De 2008, pra mim, é o Campeonato mais fantástico de todos. Porque era o elenco mais limitado (...) e mais enxuto que nós tínhamos". Mas, São Paulo é São Paulo e o caneco veio para o Morumbi!

Um abraço e bom filme!



Foto: Luiz Pires / VPCOMM

O FIM DE UMA ERA

por Renato Ferreira

Nação Tricolor, já estava claro, mas ficou mais evidente ainda com os fracassos vexatórios na Libertadores contra o CAM e na Recopa contra o SCCP que finalmente chegou o fim. O fim da era Juvenal Juvêncio. Existe porém um problema... Alguém precisa dizer isso a ele. A soberba de Juvenal em não admitir os próprios erros pode custar uma mancha maior ainda na história gloriosa do São Paulo. Em suas entrevistas, faz chacotas e utiliza de palavras difíceis e comparações sem sentido com os rivais, tentando eximir-se da culpa.

Mesmo o M1to, que sempre manteve uma postura positiva quanto à diretoria, após os jogos da Recopa, deu declarações que mostraram a sua insatisfação com o modelo de gestão adotado. Rogério após o jogo no Pacaembu disse: “Os problemas do São Paulo são muito grandes. Nós paramos no tempo”. Rogério disse tudo o que todos estão cansados de saber. Temos uma diretoria e um presidente estagnados, com uma ideia antiga de que o que deu certo no passado dará certo sempre. Juvenal, João Paulo, Leco e Adalberto se esquecem de como o futebol é dinâmico. Aproveitando a comparação de JJ ao SCCP, este pode ser usado como exemplo de que um presidente que se perpetua,

mesmo tendo acertado, chega uma hora que se desgasta e uma mente nova e jovem, com novas ideias e novas ações pode reerguer um clube. Esperamos que não aconteça conosco o mesmo com os rivais que passaram pela série B.

Juntamente com Juvenal, Adalberto Baptista vem protagonizando cenas bizarras, como a ausência em jogos decisivos, omissão em derrotas e na derrota diante do Bahia no Morumbi, como um adolescente fugindo da bronca, escapou dos repórteres pelo vestiário visitante, se esquivando de perguntas e da responsabilidade. Na edição passada da Revista TMQ, nesta mesma coluna, foi dito que Adalberto Baptista manda e desmanda no clube com a benção de JJ e que por sua culpa, Ney Franco havia sido mantido no cargo e que seria demitido em caso de revés na Recopa, perdendo a chance de aproveitar a pausa de um mês para o novo treinador acertar o time. E foi o que aconteceu, mesmo antes do jogo final, logo após a primeira partida, Ney Franco foi desligado do clube. E o que ele deixou de legado no clube?

Segundo o M1to: “Zero, zero, nenhum, zero”. Além disso, após as declarações já citadas de Rogério, o dirigente fez questão

de aumentar a crise instaurada no clube, expondo um “racha” entre elenco, o maior ídolo e diretoria, rebatendo o M1to dizendo que parte da culpa do momento do time é um mau momento do arqueiro que joga lesionado (comprometendo inclusive o departamento médico) e não acerta mais saídas e reposições de bola. Realmente, Adalberto Baptista encontra-se totalmente perdido em um mundo que não é o dele, colocado lá, não faz ideia do que fala e faz, inclusive qualificando esse fraco e limitado elenco como candidato ao título nacional. É uma criança com um Porsche na mão.

Agora o que resta à torcida é mais uma vez rezar ao próprio Santo São Paulo, para que o vexame não seja ainda pior e que com a vinda de Paulo Autuori, o time alcance pelo menos uma boa colocação, entre os 10 primeiros no mínimo, no Brasileiro. E também nos resta esperar mais 8 meses até o fim da era Juvenal no clube, torcendo para que ele não eleja um sucessor e sim que o novo presidente seja alguém mais novo, com novas ideias e sem os velhos preceitos ultrapassados de um senhor que quis se perpetuar e escrever o nome na história. Realmente conseguiu, mas não como ele queria e a torcida esperava.

A COISA TÁ FEIA...

por *Alberto Ferreira*



A coisa tá feia, né? Acompanho o São Paulo há mais de quarenta anos e não me lembro de ter visto um time tão sem-vergonha, tão descompromissado, tão sem alma como esse.

Mas a culpa principal não é deles, mas sim de quem os trouxe. Eles não têm culpa de serem ruins, de serem fracos técnica e psicologicamente. Quem é que não quer jogar no São Paulo? Vocês acham que o Douglas, o Juan, o Edson Silva (entre outros) vão deixar passar uma oportunidade dessas? E aí quem sofre somos nós com tanta ruindade.

Mas quando e como isso começou?

Até o final de 2008, Juvenal mandou muito bem. Acertou na maioria das contratações, seguiu a comissão técnica indo contra diretores e conselheiros e conseguiu três Brasileiros seguidos, coisa que nenhum clube conseguiu até hoje.

A partir daí, Juvenal começou a se achar mais realista que o rei. A soberba tomou conta do presidente, e aí a coisa começou a desandar.

Começou na montagem daquele time. Juvenal achou que deveria colocar dois bons jogadores pra cada posição. A idéia na teoria era boa, mas na prática acabou sendo um desastre. O time campeão acabou sendo desmontado devido as disputas por vaga no time. O Muricy já não sabia mais qual era o time titular. Cada jogo entrava um time diferente. Resultado, eliminações no Paulista e Libertadores.

Muricy caiu. Até aí nada de anormal, mas o problema veio depois. Juvenal cometeu o segundo erro. Em vez de trazer um treinador qualificado, Juvenal inventou de trazer Ricardo Gomes, praticamente um desconhecido pra nós.

E continua errando nisso até hoje. Depois do Ricardo Gomes, passaram Sergio Baresi, Carpegiani, Adilson Batista, Leão e Ney Franco. Todos fracos, nenhum técnico de nome.

Outro erro foi dispensar Carlinhos Neves. Podem reparar como de uns tempos pra cá o time tem caído fisicamente, com os atletas demorando pra se recuperar. Hoje, Carlinhos Neves está na final da Libertadores.

Apostou no CT de Cotia, mais um grande erro. Dizia que o objetivo era montar um time só com atletas da base. Só que isso nunca chegou nem perto de acontecer. O único jogador de nível que atuou bem no time foi o Lucas. Não me venham falar de Oscar ou Lucas Piazon porque esses aí nunca jogaram pelo time. Pra vender jogador até que o negócio é bom, mas pro time não acrescenta nada.

Tanto é verdade que Cotia não deu certo que o Juvenal trouxe sessenta jogadores em pouco mais de quatro anos, sendo muitas dessas contratações sem critério nenhum.

Aliás, acho muito estranha essa história de CT de Cotia. Toda vez que me atrevo a ver um jogo das equipes de base fico impressionado com a ruindade dos moleques. Como é que pode investir milhões numa baita estrutura e não revelar ninguém? Tem alguma coisa muito estranha aí. Mas isso é assunto pra depois ...

Voltando ao Juvenal. Mudou o estatuto pra poder se manter como presidente. Exemplos anteriores mostram como isso não funciona. Mas a cadeira de presidente deve ser muito boa, né?

Além disso, escolheu muito mal seus companheiros de diretoria. Leco, João Paulo e principalmente o Adalberto já mostraram que não são do ramo.

Se tivesse trazido o Muricy, pelo menos teria conseguido acalmar a maioria da torcida. Mas preferiu o Autuori...

Dizem que quer colocar o Leco como seu sucessor na presidência... Nada é tão ruim que não possa piorar.

Deve ter mais erros, mas esses são os principais.

É isso.

OS SOBERANOS - SOBERANIA EM INFORMAÇÃO TRICOLOR

por Vinícius Ramalho



Todo mês aqui na revista mais Tricolor da web, apresentamos a você algum canal que o coloque em contato com pessoas que fazem um bom trabalho em prol do nosso São Paulo.

Nesse mês vamos falar do portal Os Soberanos, que surgiu em 2010 após a vitória do São Paulo sobre o Cruzeiro na Libertadores da América: “Pensamos ali em aproveitar a parada da Copa do Mundo para criar uma conta no twitter para nos aproximarmos dos são-paulinos”, conta Julio César Santos Ramos, um dos administradores do portal.

Com o surgimento da conta no twitter, foi também criado um blog na semifinal do torneio mais importante do continente naquele mesmo ano. Após a eliminação contra o Internacional, um texto publicado no blog teve boa repercussão e o grupo que se conheceu na faculdade foi crescendo.

Em 2011 a equipe do blog se fortaleceu e conseguiu importantes entrevistas com ídolos do passado como Waldir Peres, Cafu, Zetti e Ronaldão.

E como todo time que começa a crescer precisa de investimento, chegou a hora de virar um site, também em 2011. Um pouco antes de virarem o soberanos.com.br receberam o reforço e na equipe daquela que é a responsável pelo Soberanos estar no ar até hoje que é a Adriane Ribeiro. Desde então ela coordena todas as postagens e colunistas do portal.

Os colunistas que hoje fazem parte do time são: Janaína Aveiro, Fred Valoz, Diana Mara, Renato Alves e Lidiane Pereira. Além da Simone Fialho, que representa o portal em eventos e faz os registros que vão ao ar no portal.

Quer conhecer mais? Acesse os canais do portal nas redes sociais e prestigie esse trabalho para informar o torcedor são paulino.



ACESSE

www.soberanos.com.br



TWITTER

[@os_soberanos](https://twitter.com/os_soberanos)



FACEBOOK

[/SoberanoSPFC](https://www.facebook.com/SoberanoSPFC)

.....
 Conhece ou tem alguma iniciativa na web dedicada ao São Paulo Futebol Clube que você gostaria de ver na coluna Tricolor na Rede? Compartilhe conosco: contato@revistatmq.com.br

PELOS LADOS DO CAMPO

por Jussara Araújo

Estamos aqui, mais uma vez, nos dedicando a conhecer o elenco do nosso tricolor. Desde o lançamento deste nosso espaço, já tivemos a oportunidade de conferir um breve perfil dos integrantes da defesa, do meio de campo e do ataque, bem como as indas e vindas da última janela de contratações e dispensas. Nesta edição, vamos juntas conhecer os laterais.

A função dos laterais é estabelecer a ligação entre a defesa e o meio de campo e apoiar o ataque, como o próprio nome diz, pelas laterais. Em geral, essa posição demanda jogadores de grande velocidade e resistência, já que precisam percorrer toda a extensão do campo durante os 90 minutos de jogo.

Atualmente, contamos com sete jogadores no elenco para essa posição. São estes:

L OS LATERAIS



★ C. RODRIGUEZ ★

Pode acreditar, nossa lista começa com um argentino de 31 anos e, diga-se de passagem, com um extenso e invejado currículo.

Revelado pelo Boca Juniors, onde conquistou diversos títulos (incluindo a nossa tão amada e saudosa Libertadores), foi para o futebol russo, foi contratado pelo Estudiantes, voltou ao Boca, teve convocações para a seleção Argentina e, por fim, veio parar no tricolor. Infelizmente, já estreou na derrota contra o Bahia, amargando uma expulsão.



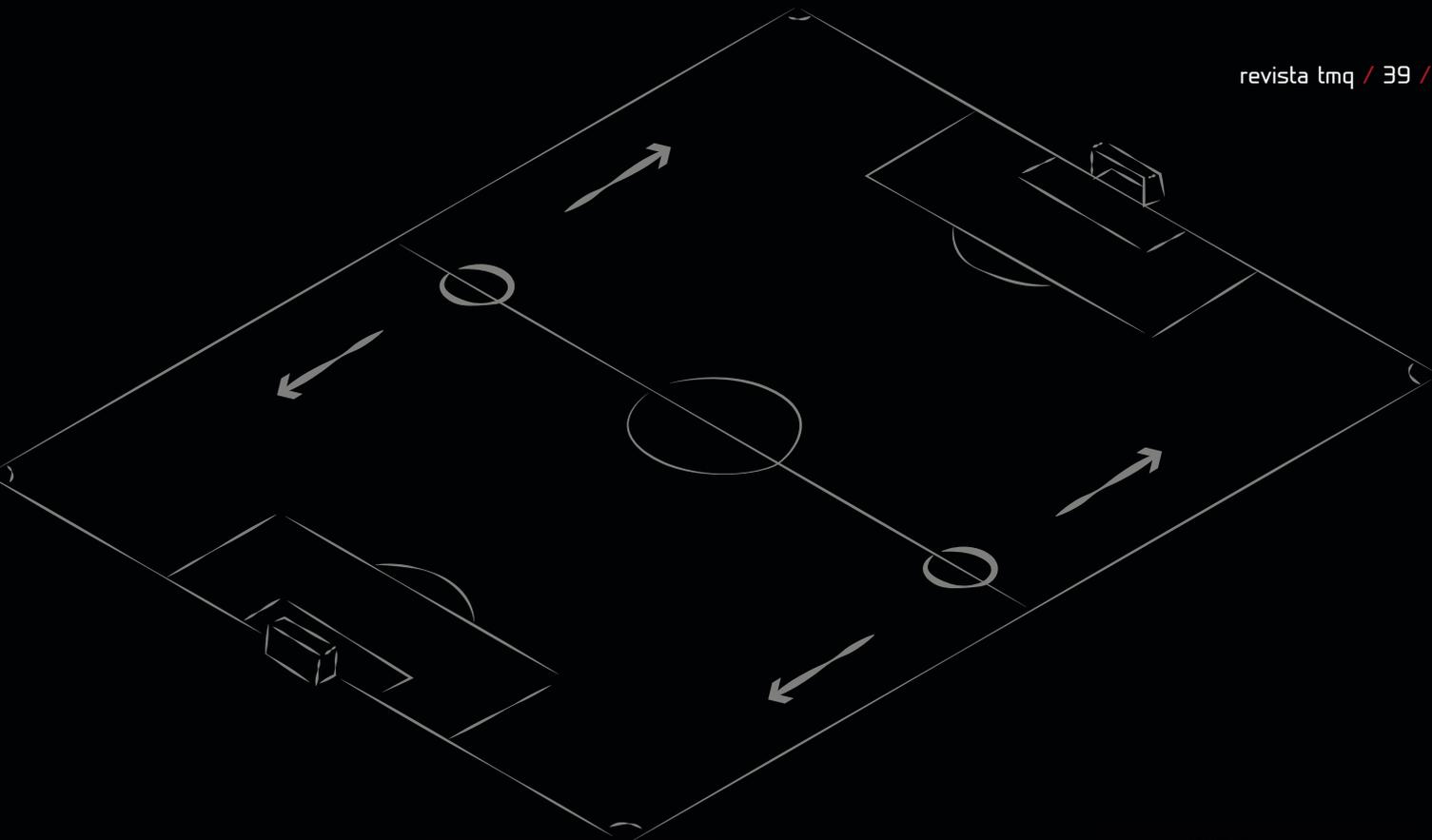
★ REINALDO ★

O alagoano Reinaldo, de apenas 23 anos, foi revelado pelo Penapolense, um clube do interior de São Paulo. Foi emprestado ao Paulista, ao Sport e, em maio deste ano, ao São Paulo. Não era muito querido por lá, mas estreou em um clássico complicado contra o SCCP e mostrou a personalidade que pode lhe garantir mais alguns jogos como titular da lateral esquerda tricolor.



★ THIAGO CARLETO ★

O jogador de 23 anos, natural de São Bernardo do Campo, foi revelado no Santos e teve passagem pelo Valencia da Espanha, clube com o qual teria contrato até 2014. Foi apresentado no São Paulo em 2010, mas logo foi emprestado ao Olímpia, América Mineiro e, depois, Fluminense, retornando ao Tricolor esse ano para ser a sombra de Cortez. Ganhou a posição, mas está afastado atualmente por causa de uma grave lesão sofrida logo no início do Brasileirão desse ano.



★ **JUAN** ★

O controverso jogador de 31 anos foi revelado nas categorias de base do São Paulo e atuou como profissional por apenas um ano, sendo vendido ao Arsenal em 2011. Retornou ao Brasil pelo Fluminense, Flamengo, voltou ao São Paulo e foi emprestado ao Santos. Por fim, na grande reviravolta de dispensas e reintegrações do início deste ano, passou a integrar novamente a equipe tricolor, mas com a chegada de Paulo Autuori voltou para a reserva e deve ser moeda de troca em futuras negociações.



★ **DOUGLAS** ★

Apareceu no São Paulo em 2012 como uma possível solução para a carente posição de lateral direito da equipe, mas permanece bastante criticado. Com 22 anos, foi revelado nas categorias de base do Goiás. Adorado por Ney Franco por ser polivalente, o jogador é um dos mais questionados pela exigente torcida tricolor. Jogou até de atacante com o antigo treinador.



★ **CARAMELO** ★

Mateus Caramelo, ou somente Caramelo, tem apenas 18 anos e foi revelado pelo Mogi Mirim, clube no qual estreou justamente em um jogo com derrota do São Paulo. Chegou ao tricolor ainda em 2013, como mais uma aposta da diretoria que mostrou não confiar no futebol do único jogador do elenco para a posição, mas não teve chances com Ney Franco.



★ **LUCAS FARIAS** ★

Lucas Farias tem apenas 19 anos e é mais uma das apostas da molecada de Cotia. Sempre dito por quem acompanha as divisões de base que seria titular dos profissionais quando subisse, ainda não teve grandes oportunidades de uma sequencia onde pudesse mostrar que realmente pode ser o dono da camisa 2 do time principal do tricolor.

SÃO PAULO FUTEBOL COLLECTION

revista tmq / 40 /

As tuas glórias vêm do passado



AUTUORI LEMBRA 2005 E 2005 LEMBRA TÍTULOS!

Impossível se lembrar do ano de 2005 e não se lembrar que o atual técnico tricolor, foi o comandante daquele time que ganhou tudo.

Sob o comando de Paulo Autuori, o tricolor ganhou a Libertadores depois de 12 anos e também foi ao Japão para faturar mais uma taça do Mundial Interclubes.

Agora imagine você, fanático pelo Tricolor Mais Querido, tocando e vendo algo que fez parte daquele ano de glórias.

É isso que a coluna São Paulo Collection quer mostrar para os nossos torcedores.

Nessa edição temos a camisa usada no Mundial daquele ano, pelo M1to Rogério Ceni, que fez um gol de pênalti na semifinal na suada vitória sobre o Al-Ittihad por 3 a 2. Naquele jogo o goleiro artilheiro entrou para a história com mais um feito que só os que são acima da média são capazes de conquistar. Se tornou o primeiro goleiro a fazer um gol em uma competição organizada pela Fifa entre clubes.

Mas Rogério marcou naquela competição pela atuação digna de um super-herói na decisão diante do Liverpool. Fez pelo menos 4 defesas milagrosas e foi o grande responsável pelo tricampeonato do mundo. A camisa que você vê aqui é justamente a da final.

Outro item raro que apresentamos a você torcedor é a medalha daquela conquista. Na foto, Amoroso beija orgulhoso essa relíquia que só 23 jogadores e alguns membros da comissão técnica tiveram direito de levar para suas galerias.

Mas aqui na Revista TMQ você também terá essa relíquia!

Quer conhecer mais itens raros da história do São Paulo? Acesse os canais SPFCollection e desfrute desse raro acervo de itens da nossa história gloriosa.



TWITTER
[@spfcollection](https://twitter.com/spfcollection)



YOUTUBE
[/SPFCollection](https://www.youtube.com/SPFCollection)



INSTAGRAM
[@spfcollection](https://www.instagram.com/spfcollection)



Essa foi a medalha que os jogadores levaram do Japão para suas casas. Repare o detalhe das cores da bandeira japonesa no cordão da medalha, uma das mais raras e importantes da história do Tricolor Mais Querido.



Essa é a camisa usada pelo M1to na decisão em Yokohama. Repare para detalhes que só as camisas usadas pelos jogadores tem. Diferente das vendidas em loja, essa camisa tem um patch na manga direita indicando que a camisa foi usada naquela competição



Revista TMQ

**toda 1ª segunda-feira do mês
você conta com um novo meio para
saber tudo sobre o São Paulo Futebol Clube.**

[@RevistaTMQ](#)

facebook.com/RevistaTMQ

www.revistatmq.com.br